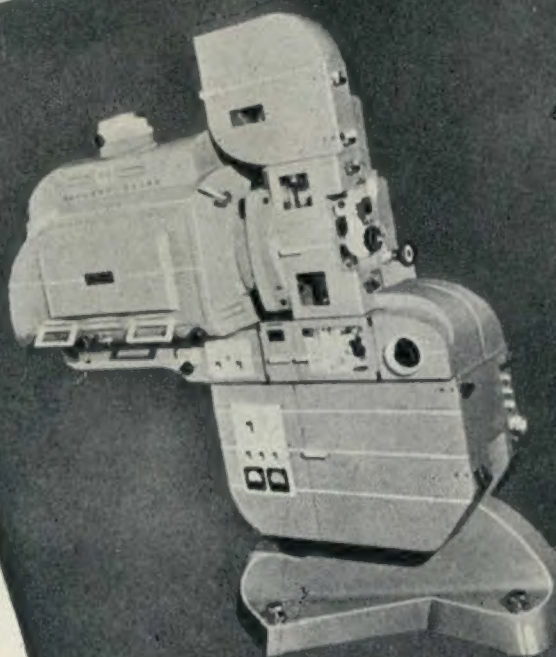
NÚMERO 32 e 33 ★ ANO V ★ 1947

PANORAMA

REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO

Castelo de S. Jorge
Vinho do Porto Velhíssimo
Portugal Velho
Nº 2
Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal
Escolha
VINHOS DO PORTO
VELHÍSSIMOS
PARA FESTEJAR
CONDIGNAMENTE
AS
COMEMORAÇÕES
CENTENÁRIAS
Real Vinícola
TEM VINHOS CENTENÁRIOS
NA SUA PRECIOSA GARRAFEIRA
SEDE EM GAIA: TELEFONE 3478 — FILIAL EM LISBOA: RUA DO ALECRIM, 117
TELEFONE 22556 — DEPÓSITO NO PORTO: RUA ENTREPAREDES - TELEFONE 440

G.B-KALEE LTD., 60-66, WARDOUR ST., LONDON, W.1. GER 9531

DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS

J. C. ALVAREZ, LDA.

SECÇÃO DE EQUIPAMENTO CINEMATOGRÁFICO

RUA DA ASSUNÇÃO, 70-1.° — LISBOA

MONTAGEM E CONSERVAÇÃO POR PESSOAL TÉCNICO ESPECIALISADO

VASCO SANTANA

desconfia:

...só com água quente!?

e exclama:

DELICIOSO!

NESCAFÉ
EXTRAIT DE CAFÉ EN POUDRE
NESTLÉ
COFFEE EXTRACT IN POWDER

ACABOU-SE O ANTIQUADO SACO DE CAFÉ!

Nestlé descobriu o processo que permite preparar instantâneamente um delicioso café, com todo o seu aroma, forte ou fraco, exactamente conforme o gosto de cada um. Para tanto bastam:

UMA COLHER DE NESCAFÉ

ÁGUA BEM QUENTE

E EIS O SEU CAFÉ PRONTO

SE PREFERE CAFÉ COM LEITE BASTA JUNTAR UM POUCO DE LEITE CONDENSADO

O CAMINHO EM FRENTE

Não se olhará mais para trás. Uma luz brilha no horizonte; o caminho a percorrer é claro. E, com os seus esforços na década que se avizinha, o homem poderá herdar um mundo rico das coisas que tornam a vida mais completa, mais perfeita e ao mesmo tempo mais cheia de prazer...
Todos os homens, de qualquer nacionalidade, credo ou côr, contribuirão com a sua parte. De todas as profissões, de todas as indústrias, partirá uma contribuição de esforços; nenhuma será maior do que a das Indústrias Eléctricas. E, neste campo a PHILIPS manterá o lugar de destaque que por tanto tempo a tornou famosa — o lugar que foi conseguido pela tradição contínua da qualidade ao serviço de todos.

PHILIPS

APARELHOS . PAPÉIS

CHAPAS . PELÍCULAS

Kodak

KODAK, LIMITED

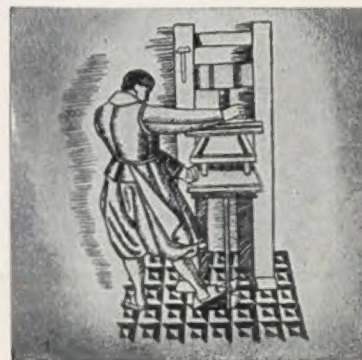
RUA GARRETT, 33—LISBOA

Aqui se aconselha...

OUVIR perfeitamente no teatro, na igreja, nas conferências ou em qualquer ocasião é o que permite a todos os surdos o novo aparelho americano de audição TELEX com amplificação ELETRÓNICA. Agente exclusivo para Portugal e Espanha A. MENDES OSÓRIO, técnico em Prótese Auditiva, Av. Almirante Reis, 229, 4.º, esq., Lisboa.

O ENXUGADOR «TANK», que já provou indiscutivelmente a sua utilidade e facilidade de uso — demonstra-o a enorme venda que tem — é o mais moderno tipo de mata-borrão para secretária. Assim, aqui se aconselha a quem ainda não se serve do ENXUGADOR «TANK» que não deixe de experimentá-lo. E então nunca mais deixará de ter um TANK na sua mesa de trabalho.

NO PAPEL DE CARTA que se utiliza na correspondência, pode-se avaliar muitas vezes o bom gôsto e a distinção de quem escreve. Para não perder tempo a escolher aquêle de que deve servir-se, aqui aconselhamos a preferir o das marcas NAU, NACIONAL e ERNANI, qualquer dêles de óptima qualidade e excelente apresentação. São marcas registadas de MÉCO, LDA., L. Rafael Bordalo Pinheiro, 20 a 25, em Lisboa e R. das Flores, 14-1.º, no Pôrto.

A excelência dos trabalhos gráficos depende sobretudo de: Estilo e estado do material tipográfico; Qualidade e apropriação de papéis; Conhecimento profundo e prático dos serviços de composição e impressão; gôsto e criteriosa conjugação dos vários elementos utilizados pela oficina nos trabalhos que executa. De tudo isto dispõe a OFICINA GRÁFICA, LIMITADA, R. Oliveira, ao Carmo, 8 — Telef. 22 886 — Lisboa.

que leia, veja e compre

Esta fotografia é de um bonito azulejo decorativo, da acreditada FÁBRICA DE CERÂMICA VIUVA LAMEGO, LDA., no largo do Intendente, 14 a 25, em Lisboa. Nesta fábrica, que foi fornecedora das Exposições Internacionais de Paris e de Nova York, executa-se enorme variedade de azulejos de padrão artístico (género antigo), louça regional, faianças artísticas, vasos de louça para decoração e ainda louça de barro vermelho, manilhas e outros acessórios.

Tome nota desta firma e do seu enderêço: GUEDES SILVA & GUEDES, LIMITADA — 32, Rua Eugénio dos Santos, 34, em Lisboa, telef.: 2 3746. Aqui, nesta casa da especialidade, encontram os interessados não só imensa variedade de FERRAGENS para a construção civil, em todos os estilos, como ainda enorme sortido de FERRAMENTAS. Guedes Silva & Guedes, Lda., aceitam também encomendas para CROMAGEM em todos os metais.

Entre as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza, destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

Helvetia — Velox — Greta, são os nomes de três marcas de lâminas suíças para barbear. A magnífica qualidade do aço empregado no seu fabrico dá bastante duração a estas lâminas. Vendem-se de diferentes modelos para os diversos tipos de máquinas. Pedidos a Azevedo & Pessi, Lda., Rua Nova do Almada, 46, Lisboa, Telef. P. A. B. X. 2 9879.

MABOR

QUAL DELAS CUMPRE MELHOR?

Todas estas raparigas têm o mesmo peso, a mesma altura, a mesma côr de cabelo, a mesma idade ... mas tais características nada indicam quanto à maneira como desempenharão o serviço na casa de V. Ex.ª.

Quando se pedem ou dão informações de uma criada, o que conta são as habilitações, a sua honestidade, a sua apresentação ... e, mesmo assim, a prova definitiva, de que satisfaz ou não, só a presta no decorrer do serviço.

Caso idêntico acontece com os lubrificantes. A côr, a densidade, o índice de viscosidade, são características que fàcilmente se determinam ... mas as provas concludentes quanto à protecção que um óleo pode garantir a determinada máquina, só se obtém submetendo-o a um ensaio ... na própria máquina.

É por isso que as recomendações da Socony-Vacuum se baseiam sempre em cuidadosos ensaios efectuados pelos seus engenheiros, com os conhecidos lubrificantes «Gargoyle», nas máquinas e maquinismos de toda a espécie que se vão criando e antes de serem lançados no mercado mundial.

Mobiloil

SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

2132

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45 1.º - TEL. 2 9311 - LISBOA

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO NACIONAL DA INFORMAÇÃO, CULTURA POPULAR E TURISMO

NUMEROS 32 e 33 ★ ANO de 1947 ★ VOLUME 6.º

CAPA DE MANUEL LAPA. — OLEOS E DESENHOS DE: ABEL MANTA, BERNARDO MARQUES, CARLOS BOTELHO, ESTRELA FARIA, FRED KRADOLFER, FREDERICO GEORGE, MARIA KEIL, OFELIA MARQUES, ROBERTO ARAUJO, S. E. GISHFORD E TOMAZ DE MELLO. — FOTOGRAFIAS DE: CASTELO BRANCO, HORACIO NOVAES, J. BENOLIEL E MARIO NOVAES.

Condições de assinatura para 6 números: Portugal (Continente, Ilhas Adjacentes e Províncias Ultramarinas), Espanha e Brasil: 60$00 — Estrangeiro: 85$00 — Distribuidor no Brasil: Livros de Portugal, Lda. — Rua Gonçalves Dias, 62, Rio de Janeiro

Capa e fotolitografias: Litografia de Portugal — Gravuras: Bertrand, Irmãos, Lda., e Fotogravura Nacional, Lda. — Composição e Impressão: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade

PREÇO: 20$00

Assim é Lisboa...

POR FERNANDA DE CASTRO

TODAS as cidades são iguais — e todas são diferentes. Em todas as cidades há ruas e casas, estátuas e jardins — mas Praga é a cidade das torres, Berna a cidade das fontes, Rio de Janeiro a cidade da luz, Paris a cidade das mulheres — Lisboa a cidade do sol.

Em dias de chuva Lisboa é triste, mal humorada, e passa despercebida na multidão das cidades. Ninguém dá por ela. É uma burguesinha apagada que veste mal, a Gata Borralheira da Europa. Mas vem o sol e a cidade transforma-se, veste-se de todas as cores, cobre-se de sedas e de lantejoilas. O céu é uma safira, o Tejo uma esmeralda, as casas chitas de ramagens — e até as roupas estendidas às janelas são revoadas de borboletas brancas.

Ainda há poucos anos, Lisboa poderia chamar-se, como *Toulouse-la-rose, Lisboa-a-cor-de-rosa.* Eram cor-de-rosa os prédios assimétricos dos bairros populares; cor-de-rosa os palácios da Lapa e de S. Vicente; cor-de-rosa os muros das velhas quintas de Benfica e do Lumiar; cor-de-rosa as perspectivas de S. Pedro d'Alcântara e da Senhora do Monte. Depois uma onda de amarelo alastrou pela cidade e, como camaleão, Lisboa mudou de cor.

Eu sei — já me explicaram — que o amarelo é a velha cor pombalina e que o Rossio, desde que o pintaram de amarelo, tem mais carácter, mais sabor da época. Terá... Mas quem não se lembra com saudades do romântico, ingénuo, pueril cor-de-rosa de há vinte e tantos anos?

As árvores de Lisboa começam a parecer-se com as árvores de todo o mundo. É freqùente ver-se, hoje, uma bela árvore com todas as suas flores e todas as suas folhas. Mas lembram-se — não é verdade? — as árvores de Lisboa davam flor alguns dias, folhas algumas semanas e troncos nús o resto do ano. Um escritor francês, que por cá passou, escreveu, ao regressar a França: — «O português detesta as árvores e este ódio é uma reminiscência da dominação árabe...»
O Árabe, com efeito, diz: — «Cada árvore é um inimigo, porque por detrás de cada árvore pode esconder-se um inimigo». Mas, agora que oito séculos passaram e a primavera chegou, as árvores de Lisboa têm, finalmente, o seu lugar ao sol. Olaias da Ajuda, acácias da Avenida, tílias do Camões — que culpa tinham vocês, coitadas, de que os Árabes, há séculos, tivessem armado as tendas na Península?

Nas grandes capitais, as casas, dentro de cada rua, procuram ter o máximo de unidade. Mas em Lisboa, isso sim! — cada casa tem o seu carácter, a sua fisionomia, a sua beleza, a sua miséria. É freqùente ver-se na mesma rua um palácio brasonado, um tugúrio em ruínas, um prédio catita a cheirar a volfrâmio e, pelo menos, uma daquelas tranquilas casas provincianas, com nespereiras nas janelas, onde moram velhas senhoras solteiras, que só saiem ao domingo, para ir à Missa.

Lisboa é a cidade dos gatos, como Constantinopla era a cidade dos cães. Os turcos mandaram os cães para uma ilha e deixaram-nos morrer de fome. Os *alfacinhas* não matam os gatos: dão-lhes espinhas embrulhadas em jornais.

Lisboa, dantes, tinha uma péssima reputação. Todos lhe atiravam pedras: — «É desmaselada, é suja, é desordeira, atira com o dinheiro pela janela fora!» E se alguém, para a defender, falava no Tejo e nas gaivotas, no Rossio e no Terreiro do Paço, no sol e nas varinas, a resposta não se fazia esperar: — «Sim, sim, enfeites não lhe faltam; mas, se formos a ver, não tem camisa...» Hoje, graças a Deus, Lisboa tem um rico bragal — um bragal que começou a tecer, há oito séculos, com o fio de oiro do sol nacional.

Os pés das varinas pobres são peixes vivos que fugiram das redes. Nas rendas humildes das suas saias há sal e espuma; nos seus olhos, águas mortas e marés vivas. Valery Larbaud chamou-lhes: — «les filles d'Europe les plus droites». Pegam nas canastras e erguem-nas como bandeiras. Não andam, dansam. São, com os seus pregões, as cigarras de Lisboa.

E as outras, as ricas? Olhai-as... Ali vão, importantes e gordas, as peixeiras dos hotéis e dos palacetes... Compraram meias de vidro e fizeram «permanente». Ali vão, pesadas, com o seu peixe de luxo e seu «cachucho» no dedo. Estas não cantam — contam: são as formigas da cidade...

Terreiro do Paço, a mais bela praça da Europa... A estátua de D. José, com o seu cavalo de bronze, pesa cerca de 30 toneladas. Para a levarem para o seu lugar, foi preciso abrir-se uma rua. Dali partiam e ali chegavam as naus da Índia. Junto às arcadas de pedra, degraus que mergulham no Tejo. E, no rio, as velas das fragatas e as asas das gaivotas...

Jardins de Lisboa, jardins alfacinhas sem relvas à inglêsa nem buxos à francesa. Tudo nacional — o coreto e a sua banda, a criadinha e o galucho, as crianças com os seus arcos e as suas birras. Aqui e além, flores que já não se usam: — Anáguas-de-Venus, cinerárias, bricos-de-princesa... De quando em quando, árvores exóticas, de nomes saborosos: — araucárias, jacarandás, árvores-de-Judeia. E, sobre os jardins, o sol — mel de todas as flores.

DESENHOS DE BERNARDO MARQUES

LISBOA FAZ OITO SÉCULOS

por LUIS TEIXEIRA

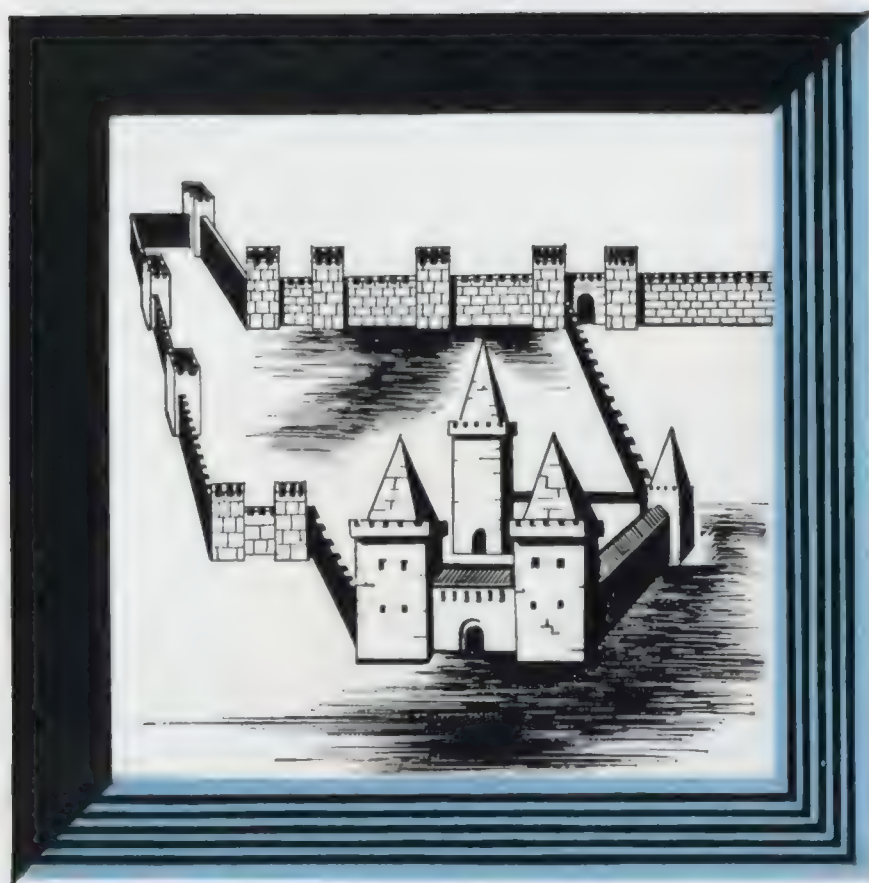
TODA a evocação da história de Lisboa, o doce mistério das suas idades, as convulsões do passado e a feliz galantaria da sua aventurosa vida — oito séculos de romance em sobressaltos de contraste — parece que palpita no ar desta cidade e se respira e se encontra como um perfume suave e envolvente. As velhas pedras mal chegam para o gosto das decifrações arqueológicas e, melhor do que espírito de museu para a fria catalogação dos despojos dos séculos, assi-

nala-se aqui a presença dominante dum sentimento que se escapa ao rigor das definições objectivas.

Inútil tentar persegui-lo, na ânsia de uma concretização completa, por essas vielas e terreiros de outrora, margens de encosta ou cristas de mirante. O seu rasto dilui-se em subtilezas e transparências de lenda, perde-se no Céu como fumo da manhã, alastra em névoa fina de sonhos e visões de espectáculos antigos, rio abaixo, no caminho do Mar.

Sente-se que o cenário garrido das colinas tem os tons fantásticos das serenas e delicadas graciosidades; que as ténues sugestões do pitoresco se enfeitam de claridades surpreendentes; e que para o esplendor romântico dos quadros os efeitos naturais são constantemente socorridos por imprevistos e deliciosos pormenores.

Para lá das esquinas onde os anos vão roendo nas pedras decorativas o perfil das caravelas evocadoras, nos declive sinuoso das ruas velhinhas, na frescura ingénua e humilde de alguma trapeira florida, a alma da cidade, encantada por torres sineiras dos bairros e recantos tranquilos de jardim, permanece e insiste — esperando ainda as rimas de Cesário Verde para

COMO UM BRINQUEDO A EVOCAR A INFANCIA DOURADA DE LISBOA, RECORTA-SE NO CEU AZUL O CASTELO DE S. JORGE

continuar o jogo das suas sinceridades poéticas. Na contemplação constante das velas das fragatas ligeiras o Tejo esqueceu vagas lembranças dos barcos do Líbano com seus fenícios colonizadores; ficaram na escuridão do subsolo as pegadas das legiões de Roma; passaram os bárbaros num delírio de destruição e, lá em cima, pedras das muralhas de Olissipona, gastas e cansadas, já perderam de todo a memória das lutas e saques de há mil anos — godos, árabes, leoneses...

Sobre a campa de tão remotas civilizações o primeiro Rei coloca um dia o sinal cristão, para em seguida outros dos nossos o levarem em glória, séculos fora, por novos caminhos e destinos da Humanidade.

Ainda não nasceu aqui um sucessor dinástico e já um santo lisboeta faz a maravilhosa peregrinação das cidades, vilas, aldeias e castelos em assombrosa revelação de virtudes e talentos. Desfila a Idade Média. Sobe um clamor popular junto de S. Domingos: a gnte da cidade, angustiada de fome e dos horrores dos cercos, corre às muralhas e grita de raiva e de dor no desespero triunfante da defesa. Atiram do alto da Sé os corpos dos traidores à Pátria que

O SECULO XV DEIXOU INDELEVEIS DEDADAS EM BELOS MONUMENTOS DE ARQUITECTURA RELIGIOSA

vão depois arrastados pelas ruas num desvairamento de algazarra que só pára, no mesmo dia, quando o regente e defensor do Reino, mostrando as armas de Aviz, passa num ruído de festa e de aclamações entusiásticas.

Ganham-se as guerras, debandam os primeiros invasores.

Pelas tardes, quem atravessa o Rossio, vê no eirado sobranceiro, Frei Nuno, Frade do Carmo, de longa barba branca, fitando o casario e o Céu numa derradeiro recordar de façanhas. E Lisboa habitua-se depois, noite e dia, à canção que vai, por muitos anos, embalar o seu sonho maior. É que se levanta dos areais o burburinho persistente da faina dos que constroem os primeiros barcos da expansão. Eles voltam de Ceuta com os louros da vitória e o segredo do futuro.

Muda a fisionomia da cidade.

Largam em festa e galas de opulência régia, do Restelo, as naus dos Descobrimentos. Veneza empalidece.

E já Mestre Gil entra no Paço da Alcáçova, vestido de vaqueiro.

EM VARIOS RECANTOS LISBOETAS SE PODEM APRECIAR, COMO NESTE, PITORESCOS VESTIGIOS DO SÉCULO XVI

Desponta uma Idade Nova; nasce um Império e um príncipe; começa uma arte. Lisboa é o berço de outras civilizações, capital dum mundo que principia enquanto se emendam as cartas de Ptolomeu e se desfazem as sombras medievais. Nas nossas ruas, onde surgiu, por vezes, o fantasma da peste em aparições aterradoras, formigam agora «muitas e desvairadas gentes». Ombro com ombro, cruzam-nas os aventureiros, os ambiciosos e os heróis. Um humanista florentino ergue por nós a sua taça: «Portugal é hoje o guardião, o detentor do segundo mundo». Do cosmopolitismo e da grandeza de Lisboa fala o Geral da Ordem de S. Bento: «Vimos o mundo em uma cidade». Acendem-se na Ribeira Velha e no Rossio as fogueiras para o dramático episódio da matança dos cristãos novos... Vai fechar a Casa dos Vinte e Quatro, em represália.

«Lisboa semelhava uma feira perpétua; todos os dias punham à venda novidades maravilhosas; todos os dias se apregoavam raridades nunca vistas». O espectáculo é belo e febril de movimento e de cor. Junto dos bazares, pelas ruas e praças inundadas de estrangeiros ansiosos e comerciantes alarmados, as multidões dos escravos chocam com guerreiros e prín-

NÃO SÃO POUCOS OS PALACIOS DE LISBOA QUE CONSERVAM O CARACTER ARQUITECTONICO E ORNAMENTAL DOS SECULOS XVII E XVIII

cipes orientais, vice-reis e capitães do Ultramar, vádios miseráveis e elefantes, leopardos e jaguares que vão no conjunto rico das embaixadas solenes. Sucedem as cavalgadas e os torneios e a burguesia ri em Alfama com as comédias representadas pelos estudantes.

E sempre, sempre, as naus largam do Tejo carregadas de emigrantes. Lisboa fica activa de saudade, vai nos olhos cobiçosos dos que partem, será a última imagem de evocação nos episódios das fatalidades do Mar, cantam os seus louvores os homens que não voltam das paragens longínquas.

No desandar do deslumbramento, a peste e os terramotos alternam as suas catástrofes e desgraças sobre o corpo da cidade que se despovoa em intermitências de susto apavorado.

Nas dobras dum lençol, mortalha de esmola, Camões «é lançado apressadamente» no carneiro subterrâneo da igreja da Santa Ana.

Com o luto das notícias de Alcácer, apoteose fúnebre da decadência, Lisboa entrega-se ao pesadelo sombrio duma tenebrosa noite na História. Mas já resplandece a «manhã pura e alegre» dos Restauradores. Vão passados cerca de trinta anos e Lisboa festeja o termo da

MUITOS DOS MAIS BELOS ESPÉCIMES ANTIGOS DA NOSSA ORIGINAL ARTE DO AZULEJO É EM LISBOA QUE SE ENCONTRAM

guerra mais longa. Vieira volta a pregar na capela real. Desenham-se sobre os vales dos subúrbios os passos gigantescos do aqueduto.

Voltaire, Goethe e outros escrevem sobre o grande terramoto. Talvez entre os curiosos que vão para o Cais de Belém ver supliciar os Távoras esteja Bocage, pálido e magro, ainda nas hesitações da sua personalidade. Um coche discreto despeja à porta do Limoeiro a obesidade de Pina Manique. Machado de Castro fica entre o povo enquanto se descobre, lá em baixo, a estátua equestre. Pombal modela a nova fisionomia de Lisboa. E mais terramotos.

Já se vê perto a águia napoleónica quando a Família Real embarca para o Brasil. Desfilam pelas ruas, esfarrapados, descalços e famintos, os invasores. Mas a bandeira das quinas sobe novamente nas fortalezas da cidade enquanto Gomes Freire, com as mãos cortadas, se balouça na forca. Um tropel de lutas civis, sangrentas e alucinadas, agita a vida alfacinha em desassocego e inquietações.

A cólera e a febre amarela assaltam a cidade. Byron olha-a do seu barco de turista vagaroso e escreve: «Vista de longe parece celestial».

NO SECULO PASSADO, E NOS PRIMEIROS DECENIOS DO NOSSO, O GOSTO ARQUITECTONICO ERA DISCUTIVEL, MAS AS CONSTRUÇÕES ERAM SOLIDAS

Uma rapariga de vinte e seis anos, morena e aciganada, morre em boémia com um fidalgo toureiro, vítima de uma congestão de borrachos assados e quartilhos de vinho. O seu nome alcançará o futuro nos queixumes do fado. As vedetas do liberalismo vestem-se de saragoça e de estamenha — são os casaca-de-briche. Apregoa-se «O Panorama», onde escreve Herculano; destribui-se entre sorrisos o «Chocalho» com as anedotas de S. Carlos; a «Revolução de Setembro» atira sobre a rua as últimas explosões da vida política. Garrett deixou o seu lugar de amanuense no banco Lafitte, em França; despiu a farda de expedicionário nos Açores; senta-se na cadeira de comissário do Nacional.

Parte para Sintra a primeira locomotiva engrinaldada de verduras e galhardetes. O caminho de ferro americano atravessa Lisboa. Um novo ciclo se abre na vida da cidade.

Acabou o Passeio Público, todo o ambiente romântico do recinto se dissipou. Só as figuras do Tejo e do Douro continuam ainda golfando água dos seus cântaros de mármore. Junto deles já não passam os «barquilleros» nem os vendedores de capilé, os janotas de sobrecasaca verde-escuro nem as damas de capota e botins de polimento.

UM NOVO CICLO DA HISTORIA DE LISBOA FICA DOCUMENTADO NOS MODERNOS E MONUMENTAIS EDIFICIOS CONSTRUIDOS PELO ESTADO — COMO ESTE, DO AERO-PORTO

Calou-se a música do coreto nas noites de Verão.

Lisboa é já uma cidade diferente.

Mas nas tardes de Outono, quando o sol doira os bicos das colinas e faíscam vidraças pelos altos; quando as gaivotas acertam com os pombos da praça ribeirinha as voltas distraídas do crepúsculo; quando um pregão estridente acorda nas ruas e fica pelos espaços num eco de cânticos harmoniosos, pode, talvez, quem de Lisboa se apaixone, adivinhar a sua alma e os mistérios das suas idades na graça e na ternura do cenário, na cor transluzente do Céu, no ar que se respira...

(DESENHOS DE ROBERTO DE ARAUJO. — FOTOS DE MARIO NOVAES)

VISTA DO PORTO DE LISBOA, COM A IGREJA DE SANTO AMARO. (GRAVURA ANTIGA)

LISBOA NUMA GRAVURA DO SÉCULO XVII

VOZES DAS RUAS DE LISBOA

OS ANTIGOS PREGÕES

por LUÍS CHAVES

Aqui há trinta anos, as ruas de Lisboa faziam menos barulho e cantavam mais. Os pregões da vendilhagem tinham outra feição, muito diferente da de hoje. Então, os vendilhões cantavam, e hoje gritam.

Entre o muito ou quase tudo que se vendia por essas ruas de Cristo, umas coisas não exigiam pressas prementes, nem manifestavam aflições de aquisição. O que se não comprava às dez horas, podia comprar-se ao meio-dia, ou de tarde. Outras tinham a sua hora própria, e já os vendilhões o sabiam, razão por que era nessa oportunidade que passavam, a cantar, por baixo das janelas. Uma rica e chorada mercadoria ambulante era reclamada a toda a hora, aflitivamente, nesta cidade do Tejo: a água. À aflição da gente correspondia a aflição nos chafarizes; a esta seguia-se a dos aguadeiros, e aí percorriam eles as ruas a gritar o incisivo, penetrante, trágico, «Aú... Aú...!» que ficava a retinir nos ouvidos dos habitantes sequiosos, e a furar os ares entre casas altas, como grimpa de torre e catavento eriçado.

Outro brado lancinante, ao cair da tarde, era o do homem do «petroline», o precioso óleo, que iria dar luz à noite de recreio ou de trabalho, necessidade infalível e condição de vida nas trevas. Gente, que se esquecera de fornecimento a tempo e horas, acordava ao despertar do grito de anjo da luz, que lhe levava o aviso. À gente que precisava de reforçar provisão, em vista de festa ou visita anunciada, gente aflita, que tinha doente em casa e precisava de luz toda a noite, o homem do «petroline» era o salvador, e o pregão erguia-se com a feição de aviso de professor aos discípulos ou de guarda-nocturno, o «sereno», que prevenia desleixos, porque de noite era custoso para todos ir bater à porta da loja e acordar o vendedor, para o esquecido ou imprevidente conseguir a ajuda prestimosa do petróleo. Já o pregão do homem do «azeite doce» tinha mais calma! O louro azeite — o azeite doce do brado — não podia ser grito de guerra. Corria manso da voz do homem, manso e lento como ia para a almotolia, da almotolia para o galheteiro, e deste para o prato, que ficava dourado e perfumado de óleo santo.

Em contraste com todos, e esse era cantiga matinal ou despedida poética do dia pela tardinha, já quase perdida do sol, a do leiteiro! Alguns leiteiros cantavam como personagens mágicas de ópera italiana. Lá para e Estefânia, quando eu era menino de calções, cantava ao lusco-fusco um deles, e aprazia-se a cantar o pregão do seu leite, de ignorada cena lírica. De manhã não o ouvia eu, mas, ao pôr do sol, encantava-me a ouvi-lo: — «Ó menina da janela, venha cá abaixo buscar o leite!...». E o leite... para doentes, para crianças, para os doces da festa de anos, o leite que chegava à porta, subia as escadas, ao canto do trovador, dava a nota mais poética do fim do dia. Paz e lirismo embalador... As mulheres da azeitona, as raparigas das «laranjas da China», as do mexilhão, lamuriavam pregões de coisas que não eram impreteríveis, nem mesmo necessárias, à boa ordem caseira, mas dariam agrado e gosto. Já o homem das ostras tinha arrogância, porque sabia que os seus fregueses, gente de boa mesa, não o renegavam nunca, e o seu clamor de «ostras-ostras!» tinha marcialidade viril de toque de clarim.

Já o pregão dos pinhões, — do «pinhão novo», — era segredo em voz mais alta: baratinho, o rosário de pinhões andava aí apregoado, como se quisessem escondê-lo, e comiam-no quase a medo de que viesse alguém a guloseima tão humilde. E certas utilidades modestas, como as agulhas, fitas e alfinetes, ofereciam-nas os vendilhões a dez réis de mel coado, barateza que valia bem o descanso de não ir a criadita à capelista da rua perder tempo no caminho e na conversa. Apregoavam essas bugigangas quase na voz e no tom de quem diz ao companheiro do lado: — olha, vai ali e dá-me a caneta.

Para concerto, — (e, então, que concerto!) — de cavatinas e gavotas e madrigais, eram os pregões gentis das ofertas apetitosas, árias que se lançavam como os motes dos outeiros às janelas das casas para a rua encantada. É lembrar o dos «morangos de Sintra» com sugestões heróicas de serra e de olhos rubros a espreitarem, qualquer coisa de Parsifal diante dos gigantes. Outros requebravam melodia, e chamavam em forma de pergunta: «Quem quer do ramo? Quem quer laranjas boas?» — E: «Quem quer figos, quem quer almoçar?», ou «Quem quer merendar?». São frases musicais com princípio, meio e fim. Quem se esqueceu do vendedor de «abat-jours», ele próprio um grande quebra-luz, formado de tantos que levava consigo, azues, encarnados, cor de rosa... e cantava afinadinho e de voz meiga aveludada, que lembrava tenor de S. Carlos em intervalo de contratos? Podia não se comprar nenhum exemplar dos modelos de papel pregueado em que se gostaria de ver a luz brincar; todavia, as janelas enchiam-se de gente a ouvir, tal qual como se de camarotes da ópera.

No tempo frio, era bom então, como hoje, ouvir apregoar as «quentinhas de erva doce», as «quentes e boas». O pregão das «broinhas de pão-milho», «quentinhas de erva doce» pedia meças a qualquer ária da ««Favorita»!

Hoje queixamo-nos e com razão: as ruas,

Antigos vendedores: De azeite, agulhas e alfinetes, pinhões, mexilhão e ostras. Na página anterior: A rapariga das azeitonas

não cantam, gritam. Os pregões, salvo o que ainda resta de outro tempo ou é do gosto melhor do pregoeiro, o que se apregoa e como se apregoa é próprio do tempo e da gente. Há pressas, há fúrias, há invejas, guerras, ciúmes. À vida excitada, à ganância do momento, que passa, correspondem o grito, o guincho, o ronco, o uivo, sem graça nem encanto, e os compradores, que têm água e não precisam do aguadeiro, têm luz e não precisam do «abat-jour» cantado pela rua, que têm o leite das leitarias e dos leiteiros sem vacas, e só precisam do petróleo para queimarem no fogão, dispensam quase que todo o vendilhão prestável. Por isso ele grita, grita, grita... para que saibam que existe, e pode ser que o pregão seja ouvido e valha em aflições.

AS QUINTAS DOS ARREDORES

por ARMANDO DE LUCENA

É nos arredores de Lisboa — só de raros conhecidos, nos seus recônditos aspectos — que se encontram alguns dos mais belos trechos paisagísticos do nosso País: — quintas e jardins quase de sonho, de vegetação variadíssima, circundando palácios e casas solarengas de arquitectura admirável, por vezes magnífica. Não é necessário ir longe. Basta que o comboio, depois de ter deixado a bocarra negra e fumegante do túnel, faça algumas rodadas sobre a linha, ou que o automóvel se afaste um pouco dos últimos blocos urbanísticos, para respirarmos novo ar e outro panorama se desenrolar ante a nossa vista.

Ali está a Palhavã, que hoje, mercê do alargamento da cidade, se considera já pertencente aos seus domínios, mas que ainda não perdeu o carácter de extra-muros, tão seu e tão próprio, pela expressão da paisagem e pelo estilo repousante das suas edificações, em que sobressai o formoso solar que o segundo Conde de Sarzedas, nos meados do século XVII, ali construiu. É lugar tranquilo e cheio de belas tradições. Foi naquele palácio que morreu a rainha D. Maria Francisca de Sabóia, mulher dos reis D. Afonso VI e D. Pedro II. Por ali passaram também os infantes D. António, D. Gaspar e D. José, filhos naturais de D. João V que, depois, se ficaram chamando *Meninos da Palhavã*.

Mais adiante, na confluência de duas estradas muito conhecidas, fica o lugar de *Sete Rios*, perto do *Campo das Laranjeiras*, poético e de rara compostura, hoje bastante transformado. A quinta foi, em tempos, de uma grande beleza, cortada de labirintos, estufas, lagos de recorte caprichoso, jaulas de animais ferozes, viveiros de aves raras, entre estátuas e vasos de mármore, e tem nela, hoje, instalado o Jardim Zoológico, como se sabe. Outras quintas, mais ou menos do mesmo estilo, se estendem para

Um trecho da Quinta Palmela, no Lumiar.

um e para outro lado: a de *Miraflores*, a do *Espírito Santo*, a de *Nossa Senhora do Carmo* e, mais além, a do *Pinheiro*.

Estamos nas imediações de Benfica. À sua volta, a paisagem é timbrada por um romantismo gracioso,

Dois aspectos da maravilhosa Quinta do Marquês de Fronteira, em Benfica.

A Quinta Palmela, no Lumiar, (propriedade da Sr.ª Marquesa de Tancos), é um dos mais belos trechos paisagísticos não só dos arredores de Lisboa, mas de todo o País, pela riqueza e variedade da sua vegetação, onde não faltam as mais decorativas espécies exóticas.

nobreza, lugar ameno e doce a que Ramalho Ortigão chamou «o recantinho suburbano de Lisboa, que mais aproximada ideia nos sugere do que é para Roma o prestígio de Tivoli e de Frescati». — «Em nenhum outro lugar de Portugal, se exceptuarmos Sintra, se encontrarão reunidas, em tão pequeno circuito, tão lindas, tão históricas, tão anedóticas, tão saudosas quintas como as que encerra Benfica».

Com efeito, ali existem, além da velha quinta da infanta D. Isabel Maria, a do marquês de Fronteira, a do conde de Farrobo, a dos marqueses de Abrantes e outras. Nalgumas delas, os jardins entram, quase, pelas regiões do sonho, como na dos marqueses de Fronteira, onde o capricho dos

A Quinta do Conde de Farrobo.

com ficções medievais compostas pela imaginação requintada dos primitivos donos. Em certos ângulos de visão, a obra do homem ligada aos primores da Natureza, dá-nos, por vezes, cenários de opereta com jardins amorosos e ruínas de torres acasteladas, ameias e mirantes.

Para o Norte, o horizonte prolonga-se no mesmo ritmo de massas vegetais, apenas a cor do arvoredo se vai diluindo pela sucessão dos planos sob as camadas cada vez mais azuladas da atmosfera. Antes, porém, dessas paragens mais longínquas que, em virtude da distância, não pertencem já aos arrabaldes, acha-se ainda S. Domingos de Benfica, igualmente acolhedor, com o seu ar de velha

A Quinta da Infanta D. Isabel Maria, em S. Domingos de Benfica. Ainda se podem apreciar nela alguns dos caracteres que distinguiam — e tornaram famosa em todo o mundo — a arte portuguesa do arranjo e decoração de parques e jardins.

arruamentos marcados por frescos maciços de buxo e de murta, valorizam as estátuas de mármore, os lagos tranquilos e os grupos de arbustos raros. Ao meio do jardim maior eleva-se uma fonte com taça alta, ornamentada com o brasão dos Mascarenhas.

FOTOS DE MARIO E HORACIO NOVAES

(Continua no final deste número)

A Quinta de Miraflores, na Estrada das Laranjeiras, e outro aspecto da Quinta da Infanta D. Isabel Maria.

Vista da praça de Luiz de Camões no acto da collocação da pedra fundamental do seu monumento

Desenho original de Nogueira da Silva

LISBOA

NO «ARCHIVO PITTORESCO»

JÁ nesta revista se fez referência, a propósito do desenhador Nogueira da Silva, a uma das mais notáveis publicações periódicas nacionais do século passado: o «Archivo Pittoresco». (V., no N.º 30, o artigo «Nogueira da Silva – Necrologia apócrifa de um grande artista esquecido»).
Essa publicação, hoje raridade bibliográfica, era um semanário ilustrado, cujo primeiro número apareceu em 1858. O arrojo e a eficácia do empreendimento editorial devem-se à firma «Castro-Irmão & C.ª», com tipografia própria, instalada na R. da Boa Vista, no Palácio do Conde de Sampaio, em Lisboa.

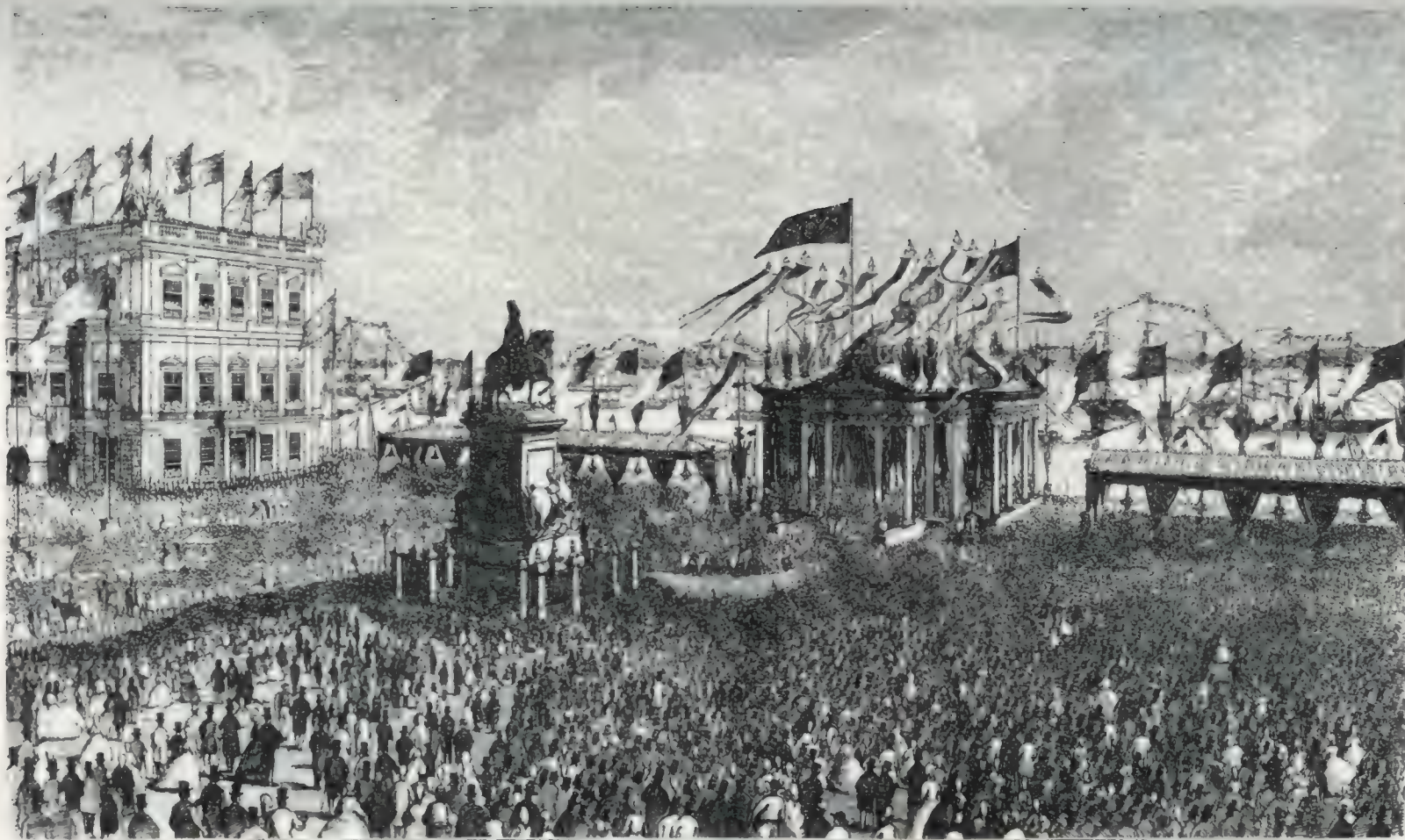
A Torre de Belém e a Casa dos Bicos

Arrojo, dizemos, porque eram ainda desconhecidos os modernos processos de gravura mecânica, e contavam-se pelos dedos, entre nós, os artistas especializados na gravura em madeira; eficácia, porque assim mesmo o «Archivo Pittoresco» pôde incluir, desde que apareceu e em número crescente, muitas centenas de ilustrações, abrangendo os mais variados géneros: paisagem rústica e urbana, monumentos, retratos de personalidades eminentes e, até, a fixação, com sabor de reportagem, dos mais importantes acontecimentos citadinos: festas, recepções a pessoas reais, incêndios, etc.
Feita à semelhança do «Magasin Pittoresque», de Paris, o referido sema-

A Ponte de Alcântara e o jardim de S. Pedro de Alcântara

nário foi a primeira escola de gravura em madeira que houve em Portugal, tanto pelos processos que seguiu e divulgou, como pelos artistas que logrou formar, dos quais foi mestre – não é demais repeti-lo – Francisco Augusto Nogueira da Silva. São raras as ilustrações assinadas em que o seu nome não aparece, como desenhador e gravador, ou apenas como desenhador, colaborando nos trabalhos de gravação: – Alberto, Flora, Coelho, Coelho Júnior, Vidal, Vidal Júnior, Barbosa Lima, Pedroso, Baracho, e alguns outros.

O Arco do Comércio em dia festivo, e o Palácio das Necessidades

Publicação lisboeta, não é para admirar a abundância de aspectos paisagísticos e arquitectónicos de Lisboa, plàsticamente reproduzidos nas páginas do «Archivo», muitos dos quais foram, no decorrer dos anos, transformados, tanto pela acção do tempo como pelas necessidades da evolução urbanística. Isto faz com que grande parte dessas gravuras tenha hoje, para nós, a par do seu indiscutível interesse artístico, um valor documental muito apreciável – como facilmente se verifica, observando as que publicamos no presente número de PANORAMA.

Este admirável desenho de Nogueira da Silva, publicado no V volume (1862) do «Archivo Pitoresco», representa o desembarque de S. M. a Rainha D. Maria de Sabóia na Praça do Comércio de Lisboa

Exposição Histórica de Lisboa

Um dos mais notáveis acontecimentos culturais de 1947 foi, entre nós, indiscutìvelmente, a «Exposição de Documentos e Obras de Arte Relativos à História de Lisboa», integrada no programa das Comemorações do VIII Centenário da Capital, e que teve lugar — durante os meses de Junho e Julho — no Museu Nacional de Arte Antiga.

Algumas semanas antes, os amadores e estudiosos de artes plásticas tiveram ensejo de apreciar duas exposições de invulgar interesse, nas quais se apresentaram pela primeira vez em público numerosas e admiráveis espécies generosamente cedidas por coleccionadores particulares: a «Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António de Lisboa» (realizada por Julieta Ferrão), na Sé Patriarcal de

Vista do Rossio anterior ao terramoto. — Desenho à pena de Zuzarte. 1787

A sala consagrada às espécies artísticas e documentos de Lisboa de D. Maria I, na qual se reuniram obras de Sequeira, Battoni, Delerive, Noel, Detarge, etc.

Lisboa, e a «IV Exposição da Imagem da Flor», na Sociedade Nacional de Belas-Artes. Mas seria injustiça não reconhecer que esta Exposição, tanto pela quantidade como pelo valor artístico e documental das obras reunidas, superou as precedentes deixando imperecíveis recordações na memória dos visitantes.

Um aspecto da sala «Lisboa na Época da Restauração», dominada por um óleo de autor anónimo do séc. XVII, com uma vista panorâmica de Lisboa, pertencente à Igreja de S. Luís.

Foi seu realizador o Dr. Rodrigues Cavalheiro, que teve o mais eficiente apoio — para os difíceis trabalhos de classificação e de arrumação — na competência cultural e técnica dos serviços do Museu, superiormente dirigidos pelo Dr. João Couto. Para a recolha das diversíssimas espécies (ao todo 553 obras, constituídas por: iluminuras e manuscritos preciosos, moedas, livros, peças de mobiliário, de

A segunda sala de «Lisboa Pombalina», com o modelo em bronze da estátua de D. José, do Museu Militar, e a Alegoria à Coroação do mesmo rei, pertencente ao Palácio das Necessidades.

Mosteiro de Santa Maria de Belém. — Óleo de Philipus Lupus, 1609.

ourivesaria, de faiança, de porcelana e de cristal, azulejos, óleos, gravuras, aguarelas, desenhos esculturais, etc.), contribuiu decisivamente a zelosa actividade desenvolvida pela conservadora dos Museus Municipais, Sr.ª D. Maria Antónia Plácido de Mello Breyner.

As inevitáveis deficiências de um empreendimento desta natureza — e, sobretudo, desta magnitude — foram reconhecidas no prefácio do excelente Catálogo da Exposição, que se repartia por dez das amplas e bem iluminadas salas novas do Museu das Janelas Verdes, pela ordem seguinte: Tomada de Lisboa, Lisboa Medieval, Lisboa na Época da Expansão, Lisboa na Época da Restauração, Lisboa Joanina, Lisboa Pombalina (em duas salas), Lisboa de D. Maria I, Lisboa das Invasões Francesas e Lutas Civis, e Lisboa do Romantismo.

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

A Ribeira Velha. — Painel de Azulejos do princípio do séc. XVIII.

A View of the Palace of the King of Portugal at LISBONE. | Vue du Palais Roi de Portugale à LISBON

Printed for & Sold by Robt. Sayer at the Golden Buck opposite Fetterlane Fleet street

UM NOVO TEMPLO EM LISBOA

POR

LUÍS REIS SANTOS

O património da Igreja e da Nação foi recentemente enriquecido com um novo templo, que é uma obra-prima de arquitectura contemporânea e de arte decorativa, de espiritualidade e graça, de beleza e harmonía: — o das Religiosas Escravas do Sagrado Coração de Jesus, que foi construído na Rua dos Remédios, à Lapa, e onde se celebrou a primeira missa solene no dia 23 de Abril. Antes de se falar desta obra, sob todos os pontos de vista magnífica, deve assinalar-se o facto de ela constituir uma doação feita a Portugal por uma estrangeira, de nacionalidade espanhola, mãe de uma das irmãs da reverenda comunidade, que deseja manter o anonimato. Foi essa piedosa senhora quem custeou todas as despesas para a construção e a ornamentação do Templo, e ofereceu o sumptuoso sacrário de prata doirada, executado em Espanha, e ornamentado em relevos, esmaltes, pérolas e pedras preciosas que tinham pertencido a jóias da sua família.

Da concepção, execução e administração

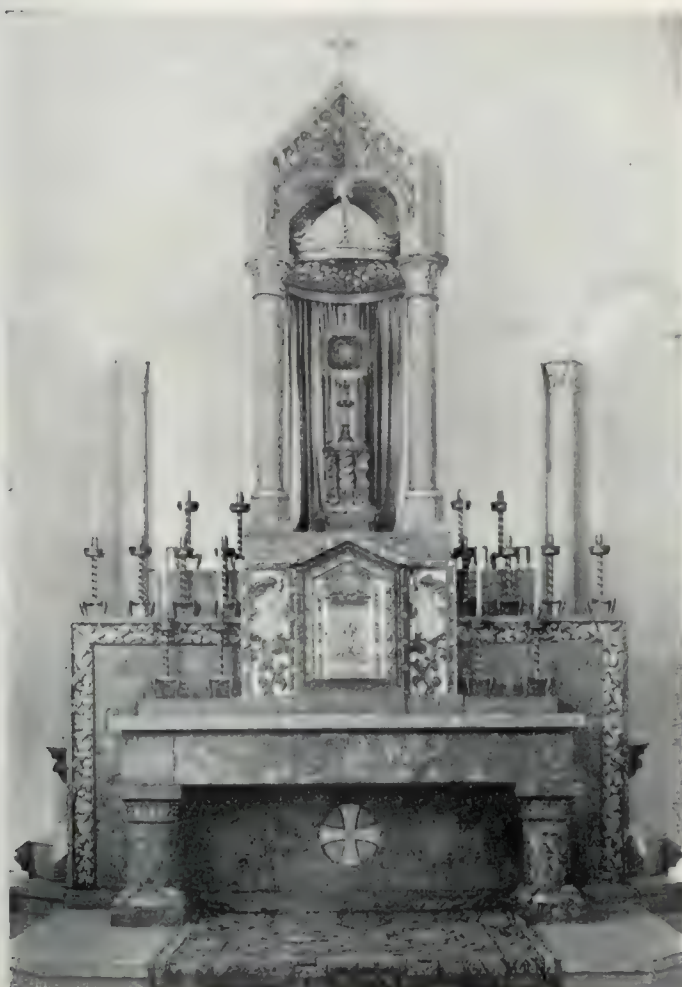
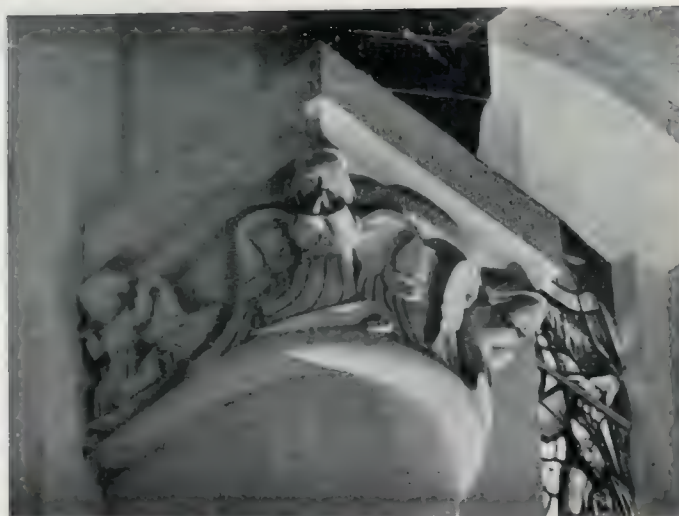
da obra foi encarregado, em boa hora, o arquitecto Carlos Rebelo de Andrade, o qual teve ensejo de nela revelar faculdades excepcionais de artista e de construtor e, ao mesmo tempo, virtudes raras na gerência da empresa e na escolha dos seus colaboradores. Foram estes, — além dos anónimos artífices que muito contribuíram, com o seu esforço e dedicação, para o êxito da obra —, Jorge Barradas, que modelou e pintou esculturas e relevos decorativos; Lino António, que delineou e fez os vitrais; Mestre Leopoldo de Almeida, que esculpiu as duas imagens da Virgem Maria e de S. José, e Mestre Avrutin, que executou todas as peças de ferro forjado, a grade e os candelabros da nave, os castiçais e a coroa do altar-mor, etc. O trabalho destes artistas integra-se de tal forma no conjunto, que de todos os seus aspectos resultam lições de admirável unidade e harmonia.

Carlos Rebelo de Andrade, dominado pelo sentimento piedoso que o programa lhe impunha, e convencido de que «a arte religiosa, para ser compreendida pelo povo, deve estruturar-se fortemente nos sentimentos nacionais», conseguiu, com esclarecido espírito e requintada sensibilidade, conciliar as tendências do nosso tempo e motivos de inspiração românica, motivos eternos de singeleza, de graça e de humildade. Sem a preocupação decadente de ser original, o Arquitecto aceitou reminiscências das pequenas capelas que foram, na Península, como que as pedras em que assentaram os alicerces do Cristianismo. E bem haja por essa inspiração. Sempre arcaizante na adopção das formas de arte, Portugal não deve ter sentido tão profundamente e adoptado com mais persistência, até hoje, outro estilo, do que o românico. Decerto porque ele foi, de todos, o que melhor traduziu a sua maneira de ser, o seu temperamento e a sua humildade.

Não é nas páginas da história das nossas belas-artes que se aprende a explicar esse fenómeno, não apenas consequente das peregrinações medievais, vindas da França,

pelo norte da Espanha e pela Galiza; é auscultando a alma popular que se compreende bem por que é o românico o estilo que mais fundas raízes tem na nossa tradição. E é essa tradição, em reminiscências ancestrais de fé, simplicidade e graça, que se respira e sente neste pequeno templo.
Aclare-se, no entanto, que a atitude estética de Carlos Rebelo de Andrade, nesta obra, não é a do arcaizante passivo, que se fica a contemplar e a copiar o passado, mas do artista que sente e conhece os problemas do seu tempo, e por isso não repudia fortes elementos tradicionais que há oito séculos vivem na alma do povo e da Nação.

*

O templo, de sólida construção de alvenaria, tem a fachada principal de nascente virada para a Rua dos Remédios, à Lapa. É uma parede simples, revestida com pedra de Alvide (Cascais), de aparelho rústico, de que o Arquitecto apenas tirou partido conjugando planos de elementos construtivos, ornamentando-a com o pórtico principal, a torre sineira e quatro graciosas fieiras de pequenos e simbólicos relevos de Jorge Barradas, que representam, — de cima para baixo — a pomba, o cordeiro, a tábua da lei e a espiga. A equilibrada e espirituosa decoração da porta principal é do mesmo artista. Barradas, nesta obra, evidencia uma vez mais um talento privilegiado que sempre se renova: no tímpano, um relevo de pedra policromada traduz plàsticamente a frase «Deixai vir a mim os pequeninos» — Cristo «in cathedra», ladeado por duas crianças com suas mães; na cercadura, igualmente de pedra colorida, motivos vegetais que se repetem, de ramos, de folhas e de frutos.

Entrando, o corpo da capela fica à esquerda, com a ábside no fundo virada ao sul, e apenas com uma nave dividida em três partes: a que fica junto do presbitério, reservada às religiosas, que ali hão-de estar em oração permanente; a do meio, separada daquela por uma grade, e a que

fica junto da entrada, por baixo do coro, dando acesso à central por meio de três arcadas baixas de arcos redondos Estas duas últimas são as reservadas aos fiéis.
A nave tem o piso de pedra clara da região de Tires, e a cobertura construída pelo sistema Polonceau, de traves, escoras, tirantes de ferro forjado e asnas toscas trabalhadas por hábeis carpinteiros de machado. Nas paredes laterais rasgam-se, de cada lado, quatro estreitas frestas, cobertas de vitrais com cinco metros de altura e 50 cm. de largura, cada uma.

(Continua no fim dêste número).

VITRAIS DO TEMPLO DAS RELIGIOSAS ESCRAVAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

CRIANÇAS DE LISBOA

O QUE É «A COLMEIA»

Por PAULO ROQUETTE

NO Bairro Alto, na Graça, em Alcântara, em Belém, no Lumiar, por toda esta velha e pitoresca cidade de Lisboa, milhares e milhares de crianças pobres enxameiam as ruas com os seus risos, as suas correrias, os seus gritos alegres. Crianças que já quase pertencem à paisagem de Lisboa, pormenores poéticos dum quadro grandioso. Crianças que jogam à bola quando não passa nenhum automóvel nem anda nenhum polícia nas redondezas; crianças que olham melancòlicamente as montras das pastelarias e que nunca viram as casas de brinquedos da Baixa; crianças descalças, de cara suja, espertas; crianças que gostam de se pendurar nos eléctricos e de fumar os cigarros achados ou pedidos aos transeuntes simpáticos. Crianças que, por outro lado, constituem um grave problema social a resolver. De facto, é muito engraçado, muito poético, isto de ver crianças a brincar na rua.

Mas será engraçado o frio a que se expõem? Será engraçado, o ambiente moral que as rodeia, será engraçada esta escola de preguiça, será engraçado, sabermos que, se as crianças brincam na rua, é por não terem pai ou mãe que tomem conta delas, por não terem lar, por só saberem, por só poderem estar na rua?

Fernanda de Castro, como todos nós, viu o problema. Mas, como nenhum de nós empreendeu a tarefa enorme, a tarefa esmagadora de o resolver, dando vida, corpo e alma à Associação Nacional dos Parques Infantis.

Em 1933, com a frequência de cerca de 100 crianças, quase todas do Bairro Alto, foi inaugurado o Parque Infantil n.º 1, em S. Pedro de Alcântara, onde os garotos podiam ter assistência médica, correr, estudar e brincar durante todo o dia, enquanto os pais trabalhavam. Em 1937, inaugurava-se o Parque Infantil n.º 2, no Campo Grande, com uma frequência de 150 crianças. E, logo no ano seguinte, o Parque Infantil n.º 3 abria as suas portas a 200 crianças do populoso bairro de Alcântara. O Parque Infantil n.º 4, em Santa Cantarina, à Calçada do Combro, está em vias de conclusão, e o início das obras do Parque Infantil n.º 5, a St.º António dos Capuchos, não tardará muito. Assim, o problema social das crianças até aos

dez anos poderá ser, um dia, completamente resolvido, se forem construídos Parques Infantis em número suficiente para toda a população pobre de Lisboa.

Mas depois dos dez anos? Foi este o novo problema que Fernanda de Castro encarou e se dispôs a tentar resolver. Depois dos dez anos, os rapazes e as raparigas saídos dos «Parques» voltavam aos seus meios pobres de recursos, onde os pais os obrigavam a trabalhar em empregos incompatíveis com as suas idades — onde se anulava, em poucos meses, a acção moral e pedagógica de muitos anos, exercida pelos «Parques».

«A Colmeia» é, pois, a solução inteligente e prática deste problema difícil. Eis o ideal de Fernanda de Castro: 1 — a existência de «Parques Infantis» que possam acolher todas as crianças pobres até os dez anos. 2 — A existência, em número correspondente, de escolas-oficinas, de «Colmeias», para onde as crianças, ao abandonar os «Parques», possam transitar.

Uma única «Colmeia» foi feita, até hoje. Para saber o que é, na realidade, essa obra, qual a sua acção e quais os resultados obtidos, fomos até lá.

A «Colmeia» está situada em pleno bairro de Alcântara, no número 41 da Rua Capitão Afonso Pala, onde antigamente estavam instaladas as cavalariças do Infante. A partir de 1943, 40 rapazes e 60 raparigas aprendem ali o mais variados ofícios.

Quem transponha a porta do edifício (e devemos dizer a título de informação, que todos os visitantes são recebidos de braços abertos), ficará extraordinàriamente surpreendido: verá uma enorme sala, de cerca de 870 metros quadrados — de

58 metros de comprimento e de 15 de largura — alegre, cheia de luz, ruidosa. Os rapazes vestem um fato de macaco, desenhado especialmente para «A Colmeia». Os vestidos das raparigas são azues escuros com pintas brancas — o que tira, a uns e outros, todo o possível ar de asilo ou de reformatório.

À esquerda fica a sala de provas, com tal gosto arranjada, que dir-se-ia estarmos na mais elegante casa de modas, e o escritório envidraçado, onde se reune o corpo directivo: — Fernanda de Castro, que dirige superiormente os «Parques» e «A Colmeia», a escritora Heloísa Cid e a pintora Inês Guerreiro, dedicadíssimas colaboradoras, e Maria Luísa Neves, directora da «Colmeia».

Para a direita, estendem-se as diferentes secções, apenas separadas por prateleiras e armários baixos, onde se encontram, em exposição permanente, trabalhos dos rapazes e das raparigas e produtos regionais.

Aqui, vemos um grupo de raparigas, sentadas em cadeiras baixinhas, aprendendo a bordar.

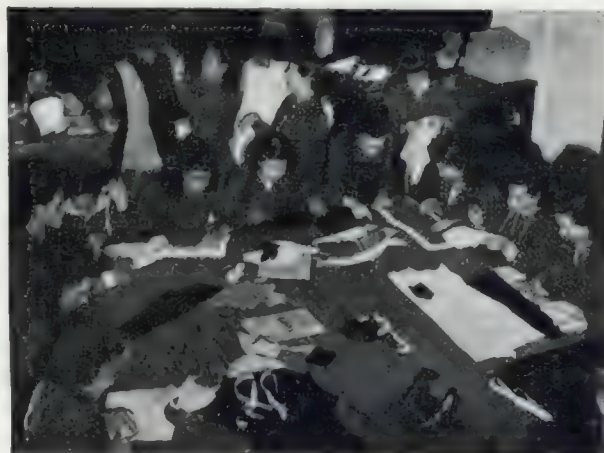
Ali, trabalha-se na complicada máquina de malhas; mais adiante, em cima de uma mesa vastíssima, cortam-se vestidos.

E, sucessivamente, vamos vendo máquinas de costura, um sapateiro que ensina a fazer sapatos, a casa de jantar — constituída por mesinhas simpáticas, de 4 pessoas — a cozinha, as casas de banho, etc.

Começamos por perguntar a Fernanda de Castro:

— Com que idades se pode estar na «Colmeia»?

A poetisa e romancista (recentemente consagrada pelo prémio «Ricardo Malheiros», da Academia), responde-nos sem hesitar, com a mais franca simplicidade:

— Aos dez anos as crianças trocam o «Parque» pela «Colmeia» e cá ficam, até terem aprendido um ofício, só de cá saindo para ingressar num emprego que lhes dê um ordenado decente. No entanto, para ser justa, devo acrescentar que só beneficiam da «Colmeia» as crianças saídas do «Parque» das Necessidades, visto não termos ainda conseguido verba para o transporte das crianças residentes nos pontos mais afastados.

— E que ofícios se ensinam na «Colmeia»?, perguntamos, desta vez à directora Maria Luísa Guerreiro Neves.

— Temos desenvolvidas secções de costura, de malhas à mão, de malhas à máquina, de bordados, de modista, de sapateiros, de esteiras, de culinária e de diversos, todas com as respectivas mestras e mestres. Estão em preparação, todavia, as secções de encadernação, tipografia, carteiras, luvas e marcenaria. Além disso, os rapazes que andam na escola têm uma professora que os ajuda a prepararem os seus estudos.

— É claro que as verbas...

Fernanda de Castro interrompeu-nos:

— Quais verbas?

— As que fazem viver a «Colmeia», respondemos, um pouco embaraçados.

— A «Colmeia» não tem subsídio nenhum.

Se vive, é à custa de milagres, do rendimento, aliás manifestamente insuficiente, do aspecto, ou da função comercial das nossas secções.

— Não sabíamos que a «Colmeia» fazia comércio...

— É verdade, disse Maria Luísa Neves. Todos os meses, muitas pessoas, entre as quais grande número de estrangeiros e diplomatas, vêm fazer os seus vestidos, os seus casacos, as suas blusas à «Colmeia». Encarregamo-nos de trabalhos de sapateiro, de costura, de tudo o que as secções permitam fazer. Mas a nossa mais célebre indústria talvez seja a dos doces e dos bolos caseiros. E olhe que não estou a fazer reclame.

— Quantas pessoas se empregam na «Colmeia»?

— Temos 15 mestras e 8 empregadas; mas, logo que as raparigas e os rapazes começam a saber do seu ofício, damos-lhes um ordenado consoante o que produzem.

— Há uma assistência médica, não é verdade?

— Claro. Todas as semanas o Dr. António de Meneses se encarrega de examinar e tratar as nossas «abelhas», aliás muito saudáveis.

— Além disso?

— Além disto, temos um grupo coral que põe a cabeça em água à professora, D. Sara Navarro Lopes e... (Maria Luísa Neves ri-se).

— Isso interessa-nos, com certeza.

(Continúa no fim dêste número)

MEIO SECULO DA VIDA DE LISBOA

1900-1947

por CASTELLO DE MORAES

A visão de certas fotografias antigas refresca a memória e, se nos não remoça no tempo, obriga-nos, pelo menos, a ser jovens no recordar.
Por isso me foi dada a palavra para dizer alguma coisa dessa Lisboa dos meus 18 anos, a Lisboa de novecentos, mais pequenina, mais tranquila, menos cosmopolita e, por isso mesmo, talvez mais portuguesa. Isto não quer dizer que um saudosismo tolo, uma perrice de velhote me faça inimigo do progresso visível e me leve a afirmar que *no meu tempo* as peras eram maiores.
Lisboa cresceu muito, mudou de fisionomia porque mudaram os tempos e ela acompanhou cá de longe, no seu cantinho ocidental a cavalgada veloz que percorre o mundo desde o alvorecer do século presente.
Muitos factores concorreram para a sua transformação. Um deles, o principal talvez, foi a Velocidade que, tornando o mundo mais pequeno, criou maiores ambições e facilidades.
A conquista do ar destruiu o sortilégio das montanhas, empecilhos benditos que robusteciam as pátrias e, assim, todas as capitais cresceram espantosamente e foram obrigadas a desvendar aos olhos dos curiosos os segredos da sua intimidade. Cresceram em área, um tanto à custa das suas características próprias, mas o fenómeno era inevitável. Deixemos porém descansar a cavalgada veloz e falemos da nossa Lisboa de 1900, dessa Lisboa de que foi moda dizer mal.
Nesse tempo, seguindo a moda do último quartel do século transacto, a certos altos espíritos lusitanos ainda virgens das revelações do «Sud-Express» e do transatlântico, era grato dizer mal de Lisboa. Chegado porém o dia em que os seus pés bem calçados e exigentes pisaram a terra alheia e os seus olhos bem abertos em cata do deslumbramento, viram que lá como cá havia fadas ruins, esses altos espíritos fizeram as pazes com a velha urbe do Rei Afonso e recitaram um «*mea culpa*» sincero sobre os adjectivos antigos.
Em horas de intimidade confessaram que em Lisboa nem tudo era mau e que em frente do «roast-beef» e do peixe cozido tão quotidianos em Londres como o nevoeiro clássico, tinham tido saudades das ementas do Leão e até de mais comezinhos manjares patriarcalmente saboreados no aconchego bucólico das hortas marialvas do arrabalde.
E, pouco a pouco, nesses espíritos altíssimos ia fazendo-se luz — a luz do sol lisboeta — e outras virtudes apareciam a constelar o diadema da cidade. Lisboa não era tão má como eles pensavam. O confronto reabilitara-a.
E, de facto, Lisboa não era e nunca foi má. Eu sempre lhe quis bem. Em mais de meio século de convívio íntimo nunca me zanguei com ela.

Quando lia livros e crónicas em que lhe chamavam suja, vinha-me logo à lembrança uma visão dos meus sete anos, e revia na Veneza dos poetas e das luas de mel, folhas de couve, cascas de melão e coisas piores ainda a boiar na água turva dos canais que luzia ao sol não porque a tivessem salpicado com o oiro em pó dos cristais de Murano mas por andarem nela suspensas parcelas mínimas, glóbulos esparsos de gorduras suspeitas. E eu perdoava a Lisboa os seus caixotes do lixo aguardando o telintar da carroça. Outros diziam que Lisboa era pachorrenta, vagarosa. Mas Lisboa não precisava de andar de pressa.

As fotos modernas que ilustram este artigo foram feitas por Horácio Novaes.

Atravessava-se uma rua sem perigo de morte. 1900 era a ante-manhã da Era da Velocidade. Ainda era possível ouvir este diálogo entre pessoas abonadas:
— O meu amigo já andou de automóvel?
O outro dizia sim ou não, mas ambos concordavam em que esse modo de transporte fazia muita poeira. Lisboa não tinha culpa disso. A poeira era um facto tão verdadeiro e tão gémeo do automóvel que até uma vez serviu como imagem flagrante na retórica dum comício.
Lembro-me bem. Foi numa vila do Ribatejo. Um tribuno, ídolo do povo, subia ao tablado a sucudir nervosamente o guarda-pó. Tinha-se apeado dum *Peugeot* vermelho que chegara tão branco como ele ao largo da vila. Ao seu talento de improvisador a poeira serviu de tema. Sacudiu e compôs a cabeleira, encarou a multidão e disse:
— Cidadãos! quando fizermos a mudança de regime que se impõe, as estradas não hão de ter pó! Hão-de ser jardins por onde vossos filhos — calçados — irão para a escola! (Aplausos vibrantes).
Como vêem, aí por 1900 havia muita poeira. Mas pouco a pouco, como matrona prudente, Lisboa evoluiu. Quando Herculano, na segunda metade do século XIX lhe chamou: «cidade de mármore e granito» foi profeta sem dar por isso. Lisboa nessa data só tinha mármores nas igrejas ou em tampas de cómodas e aparadores e o granito esperava ainda no coração das fragas a forma geométrica de paralelipípedo.

Em 1900 já se viam em fachadas de padeiros — foram estes os iniciadores — as folhas brancas do mármore de Estremoz e, devagar mas persistentemente, os nossos lindos mármores conquistaram interiores de estabelecimentos, entradas de edifícios, silhares de salas de mesa e casas de banho. Lisboa começou a ser de mármore.

O granito também se vulgarizou nos pavimentos das calçadas e quem sabe se estaremos a caminho de realizar na íntegra a classificação do mestre ao chamar à nossa Capital: «*a mais formosa cidade do Mundo*».

Ao deitarmos a vista para as fotografias que acompanham esta crónica temos de confessar que Lisboa tem caminhado muito. Os ângulos são os mesmos, a impressão é diferente mas — confessamos — é-nos impossível sentir uma saudade pelo Carro do Chora. Preferimos o movimento frenético de hoje. Saudades

só as poderíamos ter — e temos — dumas árvores velhas que ensombravam a Praça dos Restauradores e guarneciam bem o vestíbulo natural da Avenida. É pena uma árvore levar mais tempo a fazer de que um monumento ou um arranha-céus, mas a Natureza tem caprichos e ainda não empregou o cimento-armado no arcaboiço vegetal.

No Cais de Sodré não podemos ter saudades do barracão-Parçaria e do barracão-linha de Cascais. Já nesse 1900 distante faziam mal à vista e até faziam nascer nas almas a prece criminosa de dois incêndios.

E, agora a propósito de Cais do Sodré: onde estará o Cavaleiro Andante que consiga libertar daquela esquina o Relógio Oficial? Quando estará ele visível, erguido a todo o sol, sem o boné de pala que

lhe encobre os ponteiros quando visto de esguelha, e sem exigir que se arrisque a vida para o consultar? A Lisboa moderna, progressiva e dinâmica, precisa de saber às quantas anda e o relógio, ali, não serve de nada. O da Estação do Rossio é muito mais amável. Pena é que se tenha quebrado a tradição dos cinco minutos adiantados, em generoso benefício dos viajantes retardatários.

Dos habitantes racionais da cidade não falarei. Os velhos como eu evoluíram a compasso dos tempos; os novos formaram-se ao sabor da hora. Somos todos *alfacinhas*. Dos outros, dos irracionais, alguma coisa tenho que dizer e, se fosse possível entrevistá-los, eles seriam fiéis à cidade hospitaleira. Gatos, pombos e pardais, em coro unânime, bendiriam a cidade que os acolhe e repele sempre qualquer ideia de extermínio que lhes diga respeito.

O verbo «desgatizar» não tem guarida no dicionário do povo e, se com respeito a pombos a crise alimentar registou algumas unidades no seu martirológio, foi, decerto, em profundo segredo que «algum bruto matador» perpetrou o seu gesto. Arriscado seria esboçá-lo em presença do bom povo lisboeta. Lisboa quer a esses frágeis seres como a coisa sua. Uns são, no inverno, folhas das suas árvores nuas, outras ornatos vivos dos seus monumentos, e outros ainda, estirados ao sol, são o elogio plástico do nosso clima.

De Lisboa só fugiram as andorinhas. Dantes havia mais. Cruzavam aos centos as ruas da cidade e

beirais havia que lembravam bairros económicos. Hoje há fios de mais no ar. Fios traiçoeiros de telefones e antenas que partem asas e não deixam livre a caça dos mosquitos. Outro precalço: Lisboa pavimentada de novo, asfaltadas as suas ruas, não têm lama, material de construção indispensável para as reparações do ninho que há-de abrigar a prole. Por isso elas fugiram.
Contudo, quem as quiser ver, ainda consegue lobrigá-las nos bairros mais silenciosos, onde há casas antigas e quintais extensos; ou, então, vá procurá-las nessas azinhagas fundas dos arredores, onde reina ainda a paz das solidões campestres.
1900-1947, quase meio século, muito na vida dum homem, pouco, muito pouco na vida duma capital. Como será Lisboa daqui a um século? A rapidez da sua evolução nos últimos anos leva-me a fazer uma profecia: Os jornais desse tempo dirão, na primeira página, quem foi, no último domingo, o vencedor da prova do novo desporto: andar a pé! E Lisboa já será, talvez, *a mais formosa cidade do Mundo.*

MODELO E MUSA

DE

ARTISTAS E DE ESCRITORES

MEMÓRIA

POR

CABRAL DO NASCIMENTO

Jamais, Lisboa, te hei-de perdoar
Não teres sido para mim
Terra natal: meu berço e meu jardim,
Meu consolo e meu lar.

Não me trouxeste nunca nos teus braços,
Nem me guiaste os passos;
A tua voz não me ensinaste, não!
Embora...
Trago-te agora
No coração.
Minhas passadas,
Hoje, deixo-as marcadas
Pelo teu chão.
E possa a minha fala dar-te em verso
Alguma coisa nova...

Ah, se não foste berço,
Lisboa,
Sê, pelo menos, minha cova!

Carlos BOTELHO — A Baixa. (Óleo)

ESTRELA Faria — Doca de Alcântara. (Óleo)

DELÍRIO LISBOETA

POR

VITORINO NEMÉSIO

Eu vi um corvo coxo numa taberna de Santos e uma caravela em relevo no mármore de um chafariz e disseram-me que era Lisboa. Acreditei. As ruas escusas cheiram a gato e a manjerico; as *artérias,* a coiro da Rússia e a sangue azul, um poucochinho corado. Oh! que horizontes, do Castelo! e que betesgas, da Graça! Já lá vai Palmela com seus adarves no azul do Sul, e a Arrábida redonda e perdida no céu. *Voici* Sr. Neves retroseiro *(on parle français* a refugiados) e o inefável Poço do Borratém ainda com um olho encarnado ao luzir da noite alfacinha. Lisboa está florida de bandeiras, frutificada de nêsperas, semeada de cláxones de táxi. *Ó ver a lista!*, *eh pá!*, *tás tu...* — e lá lhe foram sete *paus* àquele, a quinze 'stões a bandeirada!... Se me vejo em Alcântara enterneço-me.

Os marinheiros comem tremoço saloio; as meninas da Promotora assomam de permanente às sacadas. Uma abada de glicínias — e é um palacete à Junqueira; um martelo-pilão — e é a massa compacta e gris do Porto de Lisboa. Chamo Cesário Verde, mas só vejo um retrato de adolescente numa sala fechada; ainda oiço a tesoura de podar guiando a videira diagalves. Mas já não há Liverpool na caligrafia dos escritórios do Cais do Sodré, nem encontro no Martinho da Arcada a luneta cristalizada de Álvaro de Campos, engenheiro. Da Ribeira Nova foram-se as naus e os galeões. Agora só Leontina lá bate sua tairoca de varina e manda-me dizer pela amiguinha feia se lhe eu compro um oleado para o fundo da sua canastra. Os pintores do meu país pintam o peixe e a flor no paninho adorado de Leontina, e a ferradura e a cabeça de cavalo no peitoral da égua do Aterro.

Se abro o batente ao bar da Rua Nova do Carvalho é tal qual a Cannebière: *merci, Marseille, quai des Belges...* Além disso bebemos *ginger-beer* como qualquer inglês; capilé-copo-com água. E ginjinha... No coração de Lisboa há um frémito dourado e um centilitro de sangue moiro, de má fama. Estes olhos pretos da Mouraria quem são? Que ardor é este que trago no peito e que levo pela Calçada dos Cavaleiros acima como um amolador leva a carreta e os panos do guarda-sol? De bombazina é que era! e uma mecha de cabelo furando pelo buraco da boina! Oh manhãs douradas de azeitona a tanto o selamin, com centelhas de prata tiradas pelo sol das clarabóias!

Só me falta morar às Escolas Gerais e passar os serões do meu último inverno numa farmácia ao pé. Quem quer avenidas e bairros bonitos — pois também tem! Há desde o azul ao diplomático, e do pátio às casas económicas é tudo roupinha lavada e cheirinho a café, graças a Deus! Mas eu quisera ardor mavioso e solidó! Uma violeta é pouco se o jornal da tarde trás a bola... Ao Domingo iríamos ambos ao Campo Grande andar de bicicleta e, pelo Arco de Cego, com flechas de Cupido, juraríamos eterna comunhão. Tenho um tio que mora na Parada dos Prazeres, um amigo na Praça da Alegria. Que mais queres? Com o fado da Triste-Feia era uma tarde bem passada... Mas já não querem dar valor e apreço às coisas sérias! Um homem não pode estar sempre a fingir que é só aquilo que come e o chapéu que tira às pessoas, pois também há o desejo, o dia de domingo, a estufa fria, o viaduto da auto-estrada — e a alma que quer e nada encontra... Lisboa é boa. Tem torres, garages, ardinas; tem tudo o que é preciso para se chegar no paquete e se partir de avião. Nossa Senhora do Monte vê a neblina no Tejo e o fumo no Cata-que-Farás. Às 8 da manhã o *destroyer* entrou a barra. Cheira a goivos! Cheira a goivos no Alto de S. João!

S. E. GISHFORD — Rua do Carmo. (Desenho)

A SAUDADE DE LISBOA

POR

RACHEL BASTOS

Nasci em Lisboa. Talvez por isso, porque os meus olhos aprenderam a ver na contemplação desta cidade, nunca me senti deslumbrada pela sua paisagem. Percorria as ruas, subia ao alto das colinas, e deixava fugir a vista pelo Tejo, sem saber de onde me vinha o bem que, pouco a pouco, enchia a minha alma. No entanto, alguma coisa se ia definindo em mim: um sentimento de amizade por tudo que me rodeava, que não achava bonito nem feio, mas que era meu, que me pertencia, porque era formado pelos meus olhos de acordo com a minha inteligência.

Assim passei muitos anos na minha cidade, sem a ver, porque ela fazia parte de mim, e nós não nos sabemos ver a nós próprios.

Um dia, porém, no meio do meu entusiasmo, um barco me levou para outras terras. Despedi-me sem saudades, pois de tudo apenas uma coisa havia mudado: a maneira de ver. Aqui, via a minha Lisboa com os olhos abertos; ali, bastava fechá-los para a ver.

Assim segui a minha viagem, até desembarcar numa terra de maravilha, onde a Natureza foi mestra de barroquismo, onde há gritos de cor, e onde a vegetação, impudica, rebenta por todos os cantos, puxada por um sol abrasador. Não me cansava de ver, e eu própria me sentia penetrada de aquela seiva a que nenhum ser se pode esquivar.

Fui exuberante, sorvi nos meus olhos as águas e as montanhas, queimei a minha pele ao sol que cria os morenos, e deitava-me cansada de viver a terra em que vivia. Não tinha saudades; o que era meu, estava dentro de mim. Lisboa vivia na minha retina e, para vê-la, bastava-me fechar os olhos.

Então, de súbito, começaram a visitar-me todos os quadros da minha terra, paisagens de todos os dias que vinham buscar-me, num apelo discreto. Aquela paisagem da memória ia-se tornando uma obsessão. Até aí, sentira amor por ela; nesses momentos, longe do seu encanto, quando era preciso fechar os olhos para a ver, é que começava a admirá-la e a vê-la fora de mim.

Entrei no Tejo por uma manhã suavemente matizada. E foi como se um filho tivesse saído do meu corpo. Lisboa estava fora de mim, para que a pudesse amar melhor — e para que nunca mais conseguisse ou soubesse deixá-la.

Maria KEIL — Bairros novos. (Gouache)

LISBOA DOS MEUS ENCANTOS

POR

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nasci em Lisboa. Não sei se morrerei em Lisboa. Mas vivo cá. E esta singular condição ou circunstància de *viver* em Lisboa, estabelece entre mim e a minha cidade uma corrente natural de aceitação, de compreensão, de comunhão, que faz com que eu e ela nos perdoemos mùtuamente os defeitos, sentindo-me eu aqui, e so aqui — eu, viandante volúvel, inquieto vagamundo — como o outro que diz: qual peixe na água.

Não conheço ninguém — não conheci nunca ninguém que ficasse indiferente aos encantos de Lisboa, ou sequer se sentisse retraído na ânsia de os proclamar. Isso, decerto, vem de que Lisboa é tão boa rapariga, tão bonita menina, que não cuida nem cuidou nunca de esconder os seus encantos seja a quem for. Num país ouriçado de altos e avaros muros, Lisboa desvenda generosamente as suas belezas, manifestando-as aos olhos de todos, sem pejo nem hesitações.
Há cidades cujos encantos permanecem ocultos, velados pelo manto «cor de muralha» da austeridade ou pela máscara frívola das convenções ultra-civilizadas. Tem que se recorrer aos mais hábeis ardis, que proceder as sondagens mais sagazes, guiado pela mão de iniciados, para se descobrir esses encantos, para os desencantar.

Os de Lisboa, não. Para nos apercebermos deles, basta olhar, basta abrir os olhos. Nem há que escolher local certo, ângulo favorável, hora propícia. Em qualquer sitio, de qualquer lado, com qualquer luz, Lisboa é sempre bela, sempre boa, sempre encantadora. Tanto faz vê-la de longe, entrando a barra do Tejo ou do cocuruto de Almada; de perto, passeando ao longo dos seus cais, entre varinas e gaivotas, guinchando ao desafio com os anéis das velas, que deslisam nos mastros das fragatas; nas escadinhas, de degraus tão baixos, que é um gosto descê-las a correr; nos largos imprevistos, onde acabam travessas e começam becos, ufanos da sua condição de adros de igreja, com uma acácia antiga e um chafariz pimpão, portadores da frescura bucólica das sombras e das águas; nas praças, avenidas e jardins, a que o comércio mais cosmopolita e o urbanismo mais pedante não conseguirão nunca destruir o saboroso cunho lisboeta.

E tanto faz que se vá a subir ou a descer, triste ou contente, que se mire à esquerda ou à direita, para diante ou para trás. Daquela janela, daquela esquina, daquela grade, surge sempre o castiço pormenor, o típico requinte de Lisboa, que faz com que a distingamos «fàcilmente» das «outras» de que é «princesa»: (O verso de Camões, com o seu orgulhoso advérbio de modo, vale para mim como uma certidão de que ele nasceu cá: só um lisboeta encontrava, para distinguir Lisboa, aquele «facilmente»).
E tanto faz que seja à tarde ou de manhã, ao despontar do sol ou à boquinha da noite, que se tinjam de cor-de-rosa, de cor de oiro, de azul ou de lilás as garridas paredes de Lisboa. O casario marinha nas colinas com o mesmo gracioso desalinho, como se a cidade estivesse sempre em bicos de pés para gozar melhor a vista do seu rio.

Do ar, como ainda ontem a vi, de volta do estrangeiro, Lisboa tem a nítida forma de uma mão. E eu digo que foi a mão de Deus — a sua mão direita — que, ao princípio, pousou na margem do Tejo, deixando os dedos marcados na areia da praia e no barro dos montes: — o polegar direito a Algés, o indicador a Benfica, o médio ao Lumiar, o anelar a Sacavém e o mendinho direito a Enxobregas...

Lisboa dos meus encantos e dos meus pecados! Bem sei que tens as ruas mal calçadas; que noventa por cento dos teus prédios são em estilo «mestre-de-obras» e que não há dois — nem dois para amostra! — que tenham a mesma altura; que és um labirinto de lojas «pires» com nomes semacocos e tabuletas ilegíveis; que, desde o despertar das galinhas ao adormecer dos mochos, as tuas sete colinas fazem mais barulho que sete pobres num palheiro, e que as tuas muitas e desvairadas gentes não sabem andar a pé, nem vestir o corpo, nem mobilar a casa. Mas também sei que tu és linda mesmo assim, mais linda que nenhuma. E é por isso que eu, que sou teu filho, agora que tu fazes oitocentos anos contados do baptismo, te dou, Lisboa, muitos parabéns!

POEMA PARA A MINHA CIDADE

POR

NATÉRCIA FREIRE

Na vila escura
amava-te em brancura.
Nas casas baixas
te sonhava esbelta.

Nos silêncios, ficava-me à procura
dos teus jardins de idilica frescura,
dos teus ruidos, dos teus cais de festa ...

Não amava o areal da beira-rio,
Nem o marulho aflito dos pinhais.
E abraçava-me a ti, horas a fio
Nos dias sempre iguais.

Na vila triste
as noites eram longas ...
E altas horas, os moços, a cantar,
acordavam-me então nessa criança
que acordava a chorar.

De olhos molhados palmilhava a estrada;
Vencia muros, águas, a distância.
De mim fugia, altissima e liberta,
sem destino nem ânsia.

E subia-te a rua sossegada
de Casa; e olhava o rio e os barcos lentos
e aquela estrela com que fiz jornada
aberta aos quatro ventos.

Nos ouvidos, o som daquele pregão
do velho ao lusco-fusco ...

Por teu amor ali ficava presa
e me alongava em dor e em solidão.
Bipartida, dispersa, vaga, imensa ...

— A vila é triste e a moça vela e pensa
de olhos abertos para a escuridão.

Póvoa, 1947

Fred KRADOLFER — Avenidas novas. (Óleo)

Abel MANTA — Praça de Camões. (Óleo)

GOSTO DE LISBOA!

POR

ANTÓNIO QUADROS

Gosto das ruas estreitas, sombrias, miseráveis de Alfama, quando a chuva pára e a lua, aparecendo como um sorriso embaciado pelas lágrimas por detrás das nuvens carregadas, faz brilhar a rua molhada.

Gosto de atravessar a Mouraria pela madrugada e de adivinhar mistérios naquelas velhas ruas escuras, naquelas escadas íngremes que sobem até às nuvens, naquelas portas sujas, naquelas janelas sem vidros, naqueles telhados que se recortam no céu — naqueles telhados partidos, decadentes, quase românticos.
Gosto de passar lentamente pelo Bairro Alto, gosto de toda aquela cor, gosto de ouvir as mulheres gritar dumas janelas para as outras enquanto estendem a roupa, e gosto de parar distraìdamente em frente daquela pequena taberna do Largo dos Inglezinhos, para ouvir cantar o fado com sentimento, com vinho na voz e tristeza na alma.

Gosto de descer a Calçada da Bica e de olhar para aquelas casas modestas de porta aberta para a rua, aqueles armários velhos e cheios de roupa, aquelas máquinas de costura cobertas com um chaile, aquelas cozinhas onde mal cabe o fogão, aquelas telefonias usadas que tocam para toda a rua, aquelas existências tranquilas que vêm à janela cada vez que o elevador se aproxima.
Gosto dos jardins de Lisboa — Janelas Verdes, Amoreiras, S. Pedro de Alcântara, Ribeira, Santos — desses jardins íntimos, familiares, com os seus guardas silenciosos, os seus velhos calados, as suas crianças que pisam eternamente a relva, os seus namorados eternamente de mão dada — e gosto que os bancos sejam velhos, que os canteiros sejam pequenos, que as flores sejam simples, que o chão não seja varrido de folhas.

Gosto de atravessar o Tejo nos barcos mais pequenos, aqueles que há de dez em dez minutos, e ver os barcos a motor que saem para a pesca agitando a água turva, afugentando as gaivotas brancas, e olhar a Outra-Banda, ao longe, que se aproxima cada vez mais.
Gosto dos candeeiros de gás, que tornam as ruas mais banais nos poemas mais cheios de sugestões e de lirismo.

Gosto também da calçada íngreme onde moro, gosto da sinfonia da minha rua. Sinfonia de pregões das peixeiras, dos garotos dos jornais, da mulher da hortaliça, logo de manhã. E de apitos das fábricas ao longe, jogos de *foot-ball* com bolas de trapos que às vezes vêm bater na janela do meu quarto, conversas entre gente do povo que me apaixonam mais do que o melhor dos romances, carroças que passam, amoladores, criadas que chamam o homem das garrafas e dos frascos, cegos que mal sabem tocar os seus usados violinos, mas que por isso mesmo me enchem de melancolia, de amargura, e me dão uma vontade indefinível de chorar, de fugir, de desaparecer.

Gosto de Lisboa, com paixão, com ternura, às vezes com raiva, às vezes com indiferença.
Gosto de Lisboa porque lhe conheço as misérias e os dramas, porque lhe amo tudo o que tem de belo, de grande.
Gosto de Lisboa que se estende ao acaso por todas estas colinas — cidade feita de casas antigas, de prédios modernos e dum céu sossegado, íntimo como uma sala de estar inglesa a que não faltam tapetes, fogão, chá e torradas grossas.

Gosto de Lisboa, com as suas ruas mal pavimentadas e os seus mexericos de cidade provinciana.
Gosto de Lisboa, cheia de recordações, de sentimentos, de paixões, de coisas mesquinhas e de coisas magníficas.
Gosto de toda esta gente lisboeta que trabalha, vai ao cinema, discute no café, anda pendurada nos eléctricos e ama nas leitarias da esquina.
Gosto de Lisboa porque Lisboa respira e ri, e chora e é humana.
Gosto de Lisboa.
Gosto de Lisboa como se gosta duma mulher.

Frederico GEORGE — Telhados de Lisboa. (Óleo)

TOMAZ de Mello — Bairro velho. (Óleo)

E tu, nobre Lisboa, que no mundo
Fàcilmente das outras és princesa . . .

CAMÕES

A MEDALHA COMEMORATIVA DA CONQUISTA DE LISBOA

Para comemorar o VIII Centenário da Conquista de Lisboa aos mouros, em 1147, decidiu a Câmara Municipal mandar cunhar uma medalha evocatica desse feito de armas do primeiro Rei de Portugal.

A escolha do modelo foi feita por Concurso de provas públicas — a que já tivemos ensejo de nos referir na *Revista Municipal* — cabendo o primeiro prémio ao Escultor Álvaro de Brée.

A medalha classificada, por unanimidade de votos, em primeiro lugar, constitui mais um espécime duma nova modalidade, ou expressão medalhística, há anos criada pelo mesmo autor.

Foi na Exposição de Arte Moderna, realizada no Secretariado da Propaganda Nacional, em 1942, que o escultor Álvaro de Brée, ao apresentar um busto que ali obteve o *Prémio de Escultura Manuel Pereira*, expôs também uma medalha — denominada «Retrato de Meu Filho» — cujo estilo encerrava uma grande novidade, criando na medalha moderna uma nova expressão, directamente inspirada no melhor período que a medalha teve — o da sua criação no século XV.

Com o decorrer dos anos, e dos múltiplos artistas que cultivaram essa modalidade das Artes Plásticas, assim como dos métodos empregados na fabricação das medalhas, foi-se perdendo a grandiosidade que a medalha revestia nos seus tempos áureos, para se amesquinhar em produções de gravadores mais ou menos habilidosos, mas já sem a largueza de concepção, e sobretudo de execução, que tivera quando tratada por grandes Mestres, muitos deles Escultores, e da primeira plana.

Por isso foi com o mais vivo entusiasmo que vimos renascer a medalha sob o mesmo espírito de largueza com que ela fora concebida há séculos, muito embora o Artista dos nossos dias o marcasse, como convinha, criando uma feição própria, mas tão inspirada que o seu exame nos traz ao espírito os venerandos e consagrados modelos da sua origem.

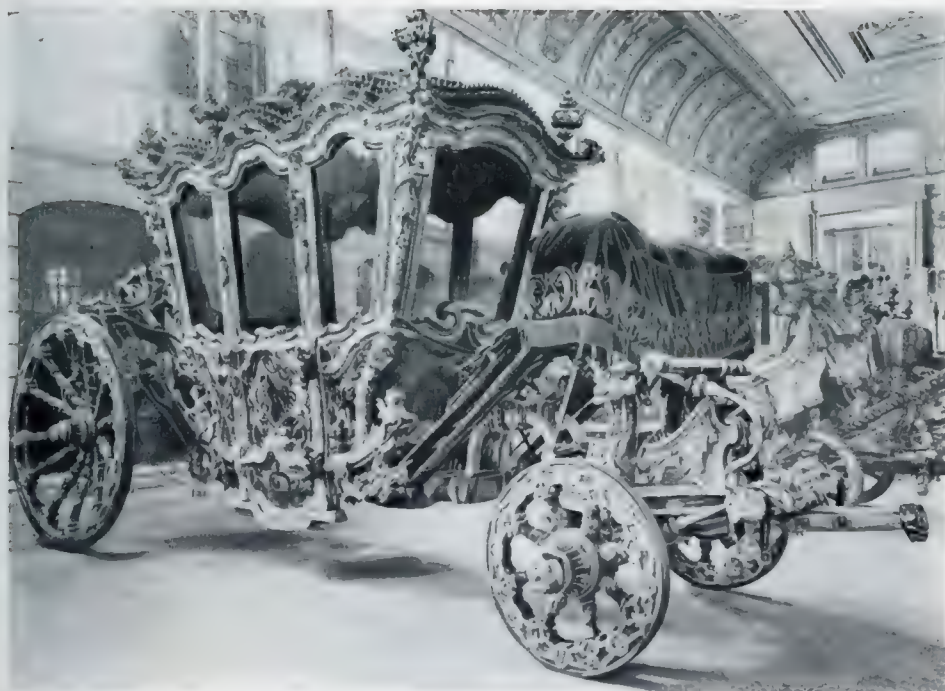
Foi, pois, concebida e executada dentro dessa nova modalidade a medalha comemorativa de que ora nos ocupamos.

Eis a sua descrição: tem por legenda VIII CENTENÁRIO DA TOMADA DE LISBOA AOS MOUROS que começa por uma estrela, símbolo da vitória que esse feito representa, erguendo-se ao centro a figura dominadora de Afonso Henriques, de espada ao alto, com o grande escudo como tinham os cruzados que o ajudaram na conquista da cidade, em pé, à direita, sobre as muralhas do Castelo, junto da qual, banhada pelas ondas se vê a célebre caravela dos corvos — o que constitui uma alusão directa à cidade fluvial, e simultâneamente pelos atributos especiais dela, indicar que essa cidade é *Lisboa*.

PEDRO BATALHA REIS

(Continúa no fim deste número)

MUSEU NACIONAL DOS COCHES

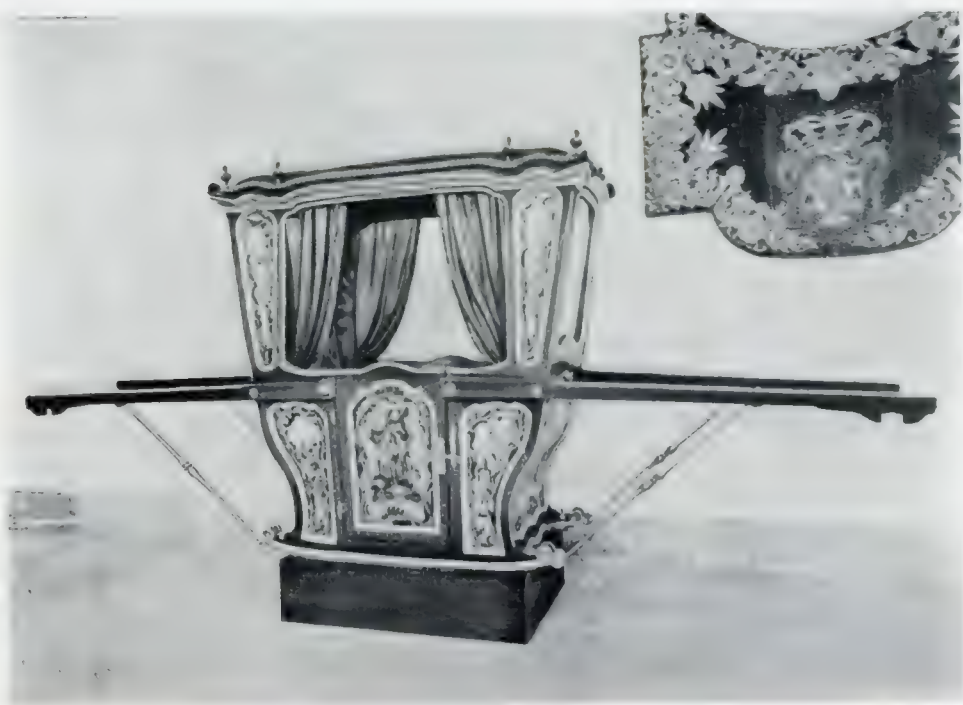
A mais importante colecção de carruagens de gala que existe no Mundo (haverá algum leitor que o ignore?!) encontra-se na nossa capital. Não é de estranhar, portanto, que o Museu Nacional dos Coches seja o mais visitado dos museus portugueses. Todavia, talvez seja conveniente elucidar que ele se encontra patente ao público todos os dias, excepto os de feriado oficial e às segundas-feiras, das 11 às 17 horas, nos meses de Março a Outubro, e das 11 às 16,30 nos meses de Novembro a Fevereiro

Coche do rei D. João V, construído em Lisboa. Meados do século XVIII.

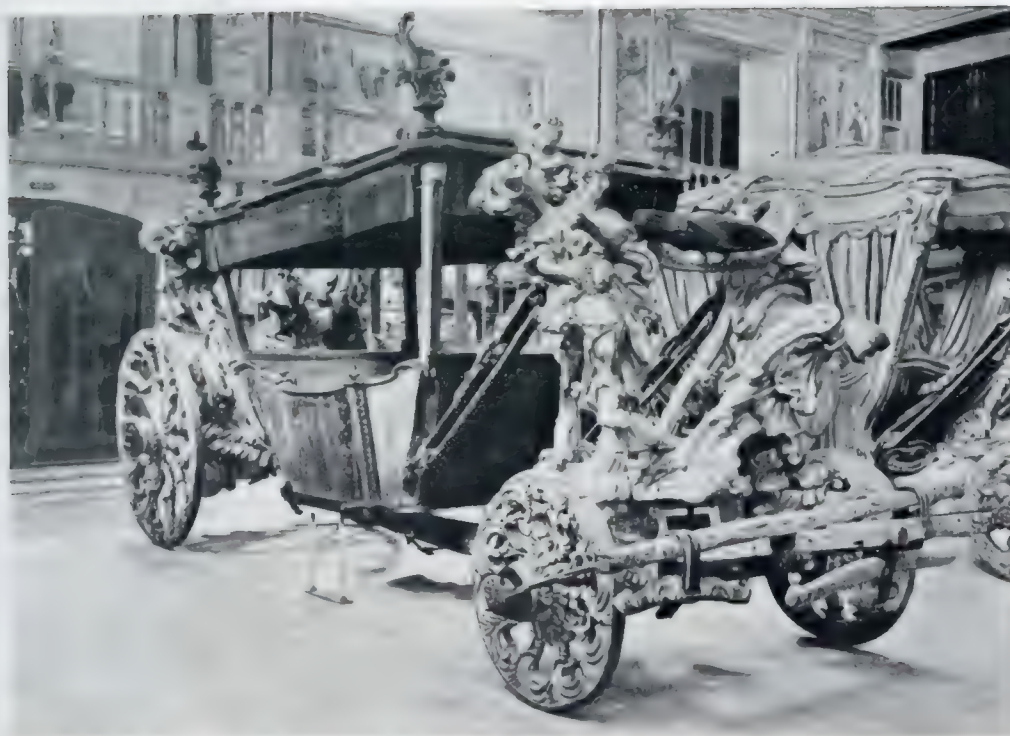
— sendo a entrada gratuita aos domingos e quintas-feiras. Quem sabe, até, se não haverá igualmente vantagem em dizermos que é em Belém que ele se encontra instalado?

A pergunta, se encerra alguma ironia, é sòmente endereçada àqueles portugueses maiores e vacinados que, vivendo em Lisboa, nunca se deram ao gosto — e ao proveito — de visitá-lo. Não sabemos se são muitos, mas consta que os há...

Foi este magnífico museu instituído, em 1905, graças à intervenção da rainha Sr.ª D. Amélia de Orléans e Bragança. Chamava-se, então, Museu dos Coches Reais, e nele se agruparam os antigos

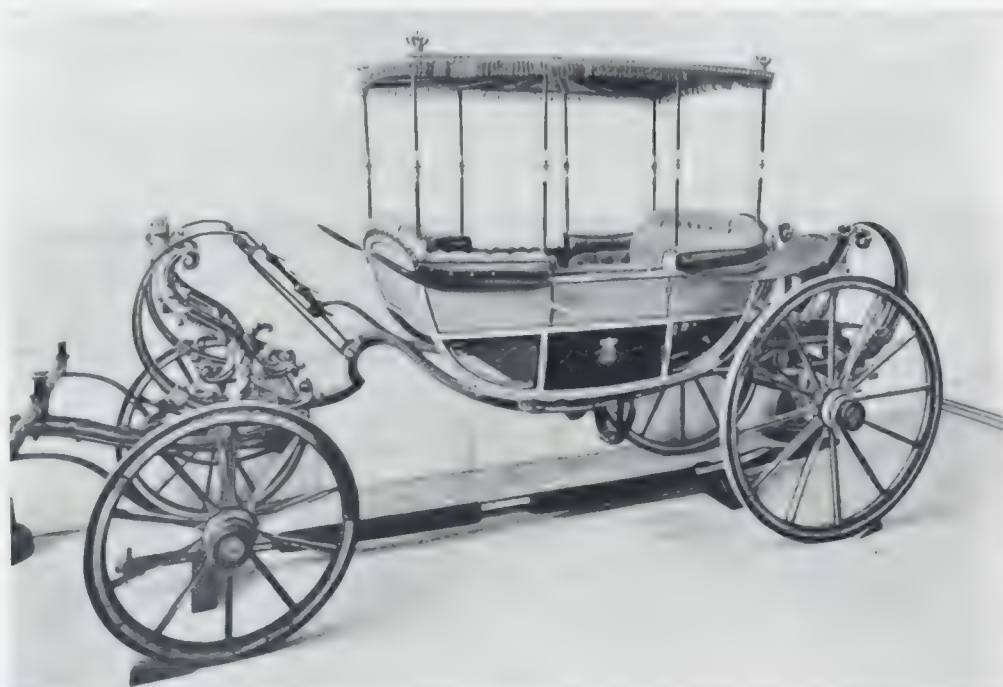
A parte dianteira de um coche de aparato (ou carro triunfal) do começo do século XVIII.

Liteira, cujos apainelados são guarnecidos com obra de talha no estilo da época de Luís XV.

carros nobres da corte portuguesa, dispersos em vários depósitos. O local escolhido foi o Picadeiro do Palácio Real de Belém. Mais tarde (1911), depois de ampliado e reorganizado, transformou-se em Museu Nacional. Mas o espaço era ainda exíguo para conter as numerosas preciosidades que foram sucessivamente enriquecendo o seu recheio. Impunham-se novas obras de alargamento e beneficiação, as quais se efectivaram em 1943, tal como hoje podem — e devem — ser admiradas. Eis a síntese da história desde belo e interessantíssimo organismo, inserta no Prefácio assinado pelo seu director — Sr. Luís Keil — no Catálogo que fez publicar na data mencionada.

Pormenor do coche das «Infantas», com pinturas que representam cenas mitológicas. Estilo Luís XV.

Coche do começo do século XVIII, construído em Roma, com figuras que simbolizam o Outono e o Inverno.

As colecções actuais compõem-se de 62 viaturas, carros triunfais ou de aparato, coches, berlindas, seges, carruagens de gala, carrinhos, liteiras, cadeirinhas, selas, arreios e muitos outros acessórios e atavios que se relacionam com o núcleo principal do Museu, que também possui uma curiosa série de fardamentos e librés de gala dos séculos XVIII e XIX, bem como diversos exemplares de trajos civis e objectos de adorno e de indumentária que demonstram a evolução da moda palaciana no decorrer de um período que vai desde os meados do século XVIII até à época chamada do Romantismo.

Carruagem de gala do primeiro quartel do século XIX, de tipo inglês, com suspensão de molas e correias.

(FOTOS CASTELO BRANCO)

RENAISSANCE

Nem sempre foi possível reunir num só estabelecimento os elementos indispensáveis para o arranjo dos interiores: bom gosto nas decorações, móveis antigos de qualidade, louças e gravuras de categoria. Hoje, porém, em Lisboa já não se verifica essa dificuldade. RENAISSANCE — Sociedade Inglesa de Decorações e Antiguidades, Lda., conseguiu conjugar esses requisitos e resolver o problema.

Sob a orientação de especialistas reputados, em estreitas relações com os mercados estrangeiros, esta firma obteve e obtém ricas peças de mobiliário francês e inglês antigo, de autenticidade indiscutível, cerâmicas orientais e inglesas — principalmente do Séc. XVIII —, tecidos para estofos das mais variadas procedências.

Nos seus salões de exposição — na Rua das Chagas, 17 — encontram-se móveis ingleses de uma pureza de linhas só existente nos grandes fabricantes, como uma «coiffeuse» Sheranton do Séc. XVIII, verdadeiramente única pela elegância, a delicadeza e a perfeição de construção, preciosas peças de mobiliário francês — assinadas por J. Dubois — tapeçarias de Aubusson, uma cómoda de Roussel, peças de cerâmica inglesa Worcester e Chelsea de 1750 — algumas das quais pertenceram à famosa colecção Holt — etc.

Uma visita a estes salões constitui uma revelação de bom gosto — o qual também se manifesta em todos os trabalhos de decoração moderna assinados pelo hábil decorador da RENAISSANCE, em cujas oficinas de estofador se encontram os mais recentes padrões de tecidos nacionais, suíços, belgas e franceses.

Outros aspectos do interior da casa de antiguidades «Renaissance»
— especializada em todos os trabalhos de decoração

O agradável interior de R E N A I S S A N C E — Sociedade Inglesa de Decorações e Antiguidades, Lda. — especializada em peças de mobiliário francês e inglês, tecidos para estofos e decorações. — Rua das Chagas, 17

LISBOA, MEU CAIS-SAUDADE

POR

MARIA DA GRAÇA AZAMBUJA

UMA cortina de névoa encobre hoje a nesga de Tejo que costumo avistar da minha janela e afoga os campos reverdecidos da colina, à minha beira. Fechada num mundo irreal, silencioso, fácil se torna palmilhar a distância e retroceder anos, até onde outra paisagem de chumbo me feriu a retina.

Os pinheiros que lá em baixo se projectam em fundo cinzento, são casuarinas, no litoral africano, a escorrer umidade, com seus capuzes pardos de cacimbo. Uma fiada de casas iguais, de um verde triste, uma lingùeta de areia, e o mar... o mar que dia e noite soa aos meus ouvidos.

Lisboa fica longe, para lá da bruma do mar imenso que abraça a terra portuguesa, revestida do deslumbramento que a imaginação pode conceder-lhe.

Havia luar e sombras perfumadas de jardins, quando a deixei. No meu espí-

rito esse luar tornava-se mais leve, mais refulgente; rendilhava, caprichoso, uma cidade de sonho. Havia sol, mas o sol não escaldava – era, antes, carícia doce a derramar vida e alegria.

A música da saudade começou a acompanhar-me, primeiro suave e enternecedora, depois, agravada por uma espécie de remorso. Eu partira pouco mais que uma rapariguinha, embriagada pelo prazer de viver, quando os nossos sentimentos ainda não adquiriram a amplitude para vibrar às mínimas impressões recebidas, que nos permite uma comunicação íntima com o que nos rodeia. Reconhecia-o e acusava-me, amargamente, de desperdício. A afeição que não soubera dar, sufocava-me agora.

Recordo-me de ter uns postais ilustrados representando vários aspectos de Lisboa. Enamorada, que de horas passei a contemplá-los! Por fim, sucedeu-me o mesmo que pode acontecer com um retrato: Dá-se uma espécie de desdobramento, e a pessoa que vive na nossa lembrança torna-se independente da personagem retratada. Já se não identifica connosco; passa de novo a constituir um mundo complexo, com os seus mistérios, sua poderosa atracção de desconhecido. O acaso misturou-se com outros: «Paris-Notre Dame et les Ponts», «Jerusalem – Mosque of Omar» . . . – No conjunto, cidades longínquas para onde rumava a minha nostalgia.

No jardim da minha casa, no Huambo, as dálias multiplicavam-se assustadoramente. Tantas, que era necessário arrancá-las. Carnudas, de côres violentas; amarelas, vermelhas, raiadas, tinham um cunho selvagem de flor africana e não me atraíam grandemente. A minha simpatia prendia-se toda às rosas pálidas, débeis, como nunca vi. O vento, que ondulava o capim e agitava os galhos dos eucaliptos, arrancava-lhes as pétalas; a claridade infinita que as separava do céu alto, vestia-as de sonho; a chuva torrencial amassava-as com a terra... Dir-se-iam filhas de outro Continente, sem possibilidade de adaptação. Eu contemplava-as com tristeza.

Mil vezes sonhei com o regresso. Mil vezes aportei ao Cais-Saudade.

* * *

Foi há oito anos, apenas, que comecei a conhecer Lisboa. Talvez de outra maneira ela me tivesse ficado sempre indi-

ferente na banalidade do quotidiano. A minha aprendizagem de vida permitia-me, agora, uma percepção mais subtil; além disso, o amor é como fonte de água: quanto mais se dá, mais brota. Não é sem razão que Rilke diz: «Os seres muito novos, novos em tudo, não sabem amar e precisam de aprender».

Depois do deslumbramento demasiado sensual da Madeira, Lisboa apresentou-se-me como mulher amorosa e terna. Ela pode conter tudo, desde o arrebatamento provocante das manhãs de sol, com pregões de varinas, à indolência das horas calmas de verão; do recolhimento das tardes invernais, enfeitadas de violetas, ao saudosismo de certos poentes incomparáveis, quando o casario se destaca numa última pincelada rubra e a figura de um monumento se projecta no azul rosado da aguarela do céu.

Vaidosa, depressa despe os fatos pobres, remendados, a humildade comovedora – e se nos apresenta de porte majestoso, coroada de estrelas das noites transparentes.

Longe, por vezes desejara abraçar a terra, como se fosse um ente querido. Sòzinha, para que nenhuma voz perturbasse o nosso bem-querer, percorri jardins que o rumor da cidade não alcança. Na atmosfera repousante, colhida sob a folhagem verde, encontrei a calma de pensamento que permite uma evasão para íntima comunhão com a Natureza. (Crianças brincam à roda, ou em baloiços. A curta distância, a silhueta esguia do Aqueduto corta trigais frescos).

Vi praças sossegadas, quase provincianas, com o seu chafariz, suas velhas amoreiras que a luz doira, ruas estreitas e escuras, roupas desfraldadas, como bandeiras, quase tocando a cabeça dos transeuntes.

Por uma porta entreaberta, uma cómoda com toalha de crochet e santos faz pensar na Severa. Subi e desci de miradouros, parei em frente de velhos palácios carregados de evocações, entrei em templos onde as pedras me falaram numa linguagem de séculos.

Num lusco-fusco nostálgico, Lisboa confessou-me saudades mouriscas.

Extasiei-me perante cada pedra, cada azulejo. Estendi a minha simpatia das criaturas aos pombos que esvoaçam junto de uma fonte rodeada de colunas, e aos gatos dos bairros pobres. Comovi-me com a pureza da sua claridade.

Ao anoitecer, errei pelas ruas próximas dos cais e das docas, onde a neblina do rio se adensa no outono e no inverno. Os vapores iluminados que cortam o rio, os barcos parados, são obra de mágica, flores luminosas na atmosfera espessa e parda, onde os dois elementos, céu e água, se confundem. As casas, as

tabernas, as criaturas que se recortam, imprecisas, ressumam viscosidade.

A cidade revela-se diferente. Avolumam-se aspectos que até então passaram despercebidos. A noite confere a um arco de pedra, ao recorte caprichoso de uma janela verdadeiro poder anímico. Os vultos que se cruzam, bem podem ser fantasmas, vindos de outras eras. Um mundo pesado de tragédia; um cortejo de recordações...

Mas tudo isso, essa face de mistério, de calma nas avenidas largas, sem passado, constitui a sua alma complexa, sem lhe diminuir o encanto.

Através dos anos, ei-la debruçada sobre o Tejo que a cinge, eternamente enamorada dos caminhos de amplidão que o rio lhe deixa entrever. Sente-se o seu desejo irresistível de fazer-se ao mar – cidade atlântica, Cais-Saudade nas horas longas da ausência...

DESENHOS DE OFÉLIA MARQUES

TURISMO

BOLETIM MENSAL DE TURISMO

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

As palavras que se seguem, são extraídas do artigo de abertura da excelente edição de luxo (em breve, decerto, valiosa raridade bibliográfica) do Programa oficial das Festas Comemorativas do 8.° Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros, assinada pelo Presidente da Câmara Municipal, tenente-coronel Salvação Barreto.

«A sete anos, apenas, das Comemorações de 1940, em que Lisboa viveu a atmosfera das grandes consagrações históricas e o seu nome imorredouro foi a todo o momento glorificado como cabeça de Nação civilizadora — a comemoração, em 1947, da sua idade cristã e portuguesa, havia, necessàriamente, de confinar-se a programa de âmbito mais restricto e de projecção mais limitada, embora impregnado e até deliberadamente elaborado no mais alto espírito de consagração nacional».

Os vários números incluídos no 1.° período das Comemorações provaram eloquentemente que a Comissão Executiva não se poupou a esforços para elevar o acontecimento a um nível superior de dignidade e, quando oportuno ou necessário, de impressionante magnificência.

Assim, nesse «âmbito mais restricto» do programa das Festas, não deixaram de caber algumas realizações verdadeiramente extraordinárias — umas de carácter espectacular, de sentido pitoresco e recreativo, outras substancialmente valorizadas por uma intenção de mais largo e fundo alcance cultural.

Estão, sobretudo, neste caso as três belas e inesquecíveis exposições: Antoniana, da Imagem da Flor e dos Documentos e Obras de Arte relativos à História de Lisboa, devendo destacar-se das primeiras: o Desfile das Delegações de todos os Municípios portugueses, as Marchas Populares dos Bairros de Lisboa, o Desfile luminoso dos Sapadores-Bombeiros, o Desfile de Embarcações de todos os Rios de Portugal, o Desfile da Gente do Mar e, principalmente, o Grande Cortejo Histórico de Lisboa — ao qual fazemos, nas páginas seguintes deste Boletim, especial referência.

PROGRAMA DO 2.° PERÍODO DAS FESTAS CENTENÁRIAS DE LISBOA

1 de Outubro (Quarta-feira):
— 1.ª REUNIÃO OLISIPONENSE. — Sessão inaugural nos Paços do Concelho.

4 de Outubro (Sábado):
— Inauguração do Salão de Lisboa (Pintura, Escultura Arquitectura). (Prolonga-se até 23 de Outubro).

5 de Outubro (Domingo):
— 2.° Concerto Sinfónico, regido pelo Maestro Frederico de Freitas.

6 de Outubro (Segunda-feira):
— Inauguração do Ciclo de Conferências. 1.ª Conferência: «A Vida em Lisboa», por Gustavo de Matos Sequeira.

8 de Outubro (Quarta-feira):
— 2.ª Conferência: «Lisboa na Pintura», pelo Prof. Doutor Reinaldo dos Santos.

9 de Outubro (Quinta-feira):
— Inauguração da Grande Exposição de Fotografias de Lisboa. (Prolonga-se até 23 de Outubro). — À noite, 3.° Concerto Sinfónico, regido pelo Maestro Wenceslau Pinto.

10 de Outubro (Sexta-feira):
— 3.ª Conferência: «Lisboa Cristã», por Frei António Crespo.

12 de Outubro (Domingo):
— 4.° Concerto Sinfónico, regido pelo Maestro Ruy Coelho.

14 de Outubro (Terça-feira):
— 4.ª Conferência: «Lisboa e o Tejo», por Joaquim Leitão.

16 de Outubro (Quinta-feira):
— Inauguração da Exposição Nacional de Floricultura (Flores de Outono), na Estufa Fria. (Prolonga-se até 26 de Outubro).

17 de Outubro (Sexta-feira):
— 5.ª Conferência: «Lisboa, Velha Capital Europeia», pelo Prof. Doutor Mário de Albuquerque.

18 de Outubro (Sábado):
— Início da 2.ª Semana da Flor. Concurso de Montras Floridas. — À noite, Récita de Gala no Teatro Nacional de D. Maria II, com a comédia «Olissipo», de Jorge Ferreira de Vasconcelos.

19 de Outubro (Domingo):
— 6.° Concerto Sinfónico, regido pelo Maestro Pedro de Freitas Branco.

20 de Outubro (Segunda-feira):
— Exibição dos filmes apresentados no Concurso de Filmes de Amador, do VIII Centenário da Tomada de Lisboa.

21 de Outubro (Terça-feira):
— Inauguração da Exposição Bibliográfica comemorativa da Tomada de Lisboa aos Mouros, na Biblioteca Nacional. — À noite, 6.ª Conferência: «Lisboa, Cabeça do Império Português», Pelo Prof. Doutor Marcelo Caetano.

23 de Outubro (Quinta-feira):
— Encerramento e distribuição de prémios da Exposição de Fotografias de Lisboa e do Concurso de Filmes de Amador.

24 de Outubro (Sexta-feira):
— 7.ª Conferência: «A Acção Militar da Tomada de Lisboa», pelo Tenente-Coronel Augusto Botelho da Costa Veiga. — À noite, distribuição de prémios nos Paços do Concelho.

25 de Outubro (Sábado):
— De manhã, visita do Presidente da Câmara Municipal, da Vereação e da Comissão Executiva do Centenário à Ermida de S. Crispim. — À tarde, sessão de encerramento da 1.ª Reunião Olisiponense, nos Paços do Concelho. — À noite, recepção nos Paços do Concelho. Fogo de artifício no Tejo.

26 de Outubro (Domingo):
ENCERRAMENTO DAS COMEMORAÇÕES. — «Te Deum» na Igreja de Santo António da Sé. — Encerramento da Exposição Nacional de Floricultura (Flores de Outono).

O GRANDE CORTEJO HISTÓRICO DE LISBOA

Já o presente número de PANORAMA se encontrava quase todo impresso, quando teve lugar um dos mais imponentes e brilhantes números do programa das Festas Centenárias da Cidade: o *Grande Cortejo Histórico de Lisboa*. Isto, sòmente, explica o facto – que somos os primeiros a deplorar – de não ficarem fotogràficamente documentados no texto da nossa Revista alguns dos principais aspectos e pormenores (da figuração, dos adereços, da indumentária, etc.) desse maravilhoso espectáculo que fez vibrar de verdadeiro entusiasmo e de intenso prazer estético muitas dezenas de milhares de pessoas, nas duas tardes memoráveis de 6 e 20 de Julho.
O nome de Leitão de Barros, autor do plano e organizador do empreendimento, era, sem a menor dúvida, garantia suficiente do êxito. Na verdade, ninguém como ele tinha posto à prova, entre nós, com tanta constância e eficácia, as qualidades excepcionais que exigem as realizações desta natureza, desde a sensibilidade e as aptidões artísticas, a preparação cultural e o sentido decorativo, até à força de vontade, a audácia e a ines-

Ilustrações de Eduardo Teixeira Coelho, reproduzidas da edição de luxo do Programa Oficial das Comemorações do VIII Centenário da Tomada de Lisboa aos Mouros.

gotável energia. Foi tudo isto que deu estrutura e impulso, beleza plástica e ritmo, a conta certa de sumptuosidade e de pitoresco, numa palavra: o mais alto valor espectacular ao Grande Cortejo Histórico de Lisboa. Mas não foi isto apenas. Ao citado compósito de qualidades há que acrescentar mais esta, sem a qual não seria tão pleno o êxito da realização: a de saber escolher os seus colaboradores — sejam eles artistas, homens de acção, figurantes, ou simples artífices; constituir uma equipa, dar-lhe coesão, animá-la e dirigi-la. Eis porque nos parece de inteira justiça deixar aqui registados, junto do nome de Leitão de Barros, os dos principais colaboradores em cuja escolha, mais uma vez, o grande Artista acertou: Carlos Ribeiro — director adjunto; Eduardo Teixeira Coelho, Hermano Baptista, Fortunato Anjos, Alípio Brandão, Abraão de Carvalho e Domingos Saraiva — pintores e desenhadores; Rafael Fernandes, Vasco Pereira da Conceição e João Rocha — modeladores; João Luís Esteves, Carlos Melande, João Eglésias e Jaime de Almeida e Sousa — artífices do ferro, da madeira e do vidro. Colaboraram ainda: José de Matos Sequeira — na organização; João de Barros — nos adereços; Rui Lopes, na indumentária; Augusto Soares — nas danças; António Paula Lopes — nas tapeçarias; Cap. Ápio de Almeida e Ten. António Martins — na figuração a pé; Cap. Pires Monteiro — na figuração a cavalo; e Cap. José Celestino Soares — nos serviços exteriores. Da repercussão que o acontecimento teve além-fronteiras, (através das impressões divulgadas pelos escritores e jornalistas estrangeiros que a Comissão Executiva convidou a virem assistir às Festas), é significativo reflexo um artigo do prof. catedrático e notável homem de letras D. José Maria de Cossio, publicado no «Arriba», de Madrid, do qual traduzimos os seguintes passos: — «É como um sonho que acariciámos, ou sonhámos desde a infância, sem nunca o atingir. É o coche autêntico de cristal, brilhante e transparente, com as princesas de contos de fada que se transformam em realidade na sua figuração alegórica da capital portuguesa. [...] Mas não é a magnificência e o brilhantismo do Cortejo o que o torna mais impressionante, e, acima de tudo, lhe dá o valor de uma lição; é Lisboa inteira que nele está representada simbòlicamente, apinhada nas ruas a contemplar o desfile, a sua própria glorificação, emocionadamente. Lisboa inteira revê-se no seu espelho histórico, desde as suas esperanças actuais, depois de séculos de prostração. E Lisboa oferece o espectáculo gratíssimo de uma grande Capital com espírito de unidade, que se associa aos seus fastos culminantes: toda a população se interessou pelos preparativos; todos faziam previsões sobre a riqueza e o bom-gosto da realização e todos tomaram a sua parte na satisfação do êxito».

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

As Festas do «Maio Florido» na Cidade do Porto

Pode dizer-se que o público portuense já não prescinde das Festas do «Maio Florido», da iniciativa e realização do Secretariado Nacional da Informação, de tal modo elas animam, com os seus variados espectáculos, concursos, etc., a vida da cidade, proporcionando a visita de numerosos artistas e agrupamentos musicais de Lisboa, que de outra maneira muito dificilmente se poderiam deslocar até à capital nortenha.

Assim, este ano, foram as Festas inauguradas no Teatro Rivoli, na noite de 7 de Maio, num ambiente de rara distinção, com a assistência das autoridades militares e civis do distrito, do Secretário Nacional da Informação, reitor da Universidade do Porto, chefe da delegação do S. N. I., e do escol da sociedade portuense. A Orquestra Sinfónica Nacional, sob a direcção do maestro Pedro de Freitas Branco, executou, no meio de grande entusiasmo, um belo concerto, com a colaboração da insigne artista lírica Maria Caniglia.

No dia seguinte efectuou-se, na mesma sala de espectáculos, a 3.ª Grande Festa Nacional da Rádio, tendo colaborado nela as principais orquestras, grupos vocais e solistas da Emissora Nacional.

Os Concursos de Montras e de Jardins de Lisboa

O júri do Concurso de Montras, realizado, com tão grande êxito, pela Comissão Executiva das Comemorações Centenárias de Lisboa, atribuiu os seguintes prémios principais:

Taça dos Centenários: *Casa Artex*, 1.os prémios de bom-gosto, originalidade e harmonia; Taça do Secretariado Nacional da Informação: *Loja do Galeão*, 1.os prémios de bom-gosto, originalidade e espectaculosidade; Prémio União de Grémios de Lojistas de Lisboa: *Loja das Meias*, 1.os prémios de bom-gosto, espectaculosidade e harmonia; Prémio Associação Comercial de Lisboa: *Casa Sabóia*, 1.os prémios de bom-gosto, originalidade e espectaculosidade.

•

Coube ao *Jardim do Campo Grande* o 1.º prémio do Concurso de Jardins, organizado pela Câmara Municipal, dentro do programa das Comemorações Centenárias. O júri, depois de algumas visitas e certo número de reuniões, concluiu pela seguinte classificação geral:

«Jardins fechados, não públicos ou semi-públicos: 1.os prémios, *Jardim Botânico da Ajuda* e *Tapada das Necessidades;*

«Parques e Jardins de 1.ª categoria»: 1.º,*Campo Grande;* 2.º, *Jardim da Estrela;*

«Parques e jardins de 2.ª categoria»: 1.º, *Jardim Sá da Bandeira*, na praça D. Luís; 2.º, *Jardim Gomes de Amorim*, junto à Casa da Moeda;

«Parques e jardins de 3.ª categoria»; 1.º, *Jardim da Praça do Rio de Janeiro;* 2.º, *Jardim Teixeira Rebelo*, na Luz;

«Parques e jardins de 4.ª categoria»: 1.º, *Miradouro de Santa Luzia;* 2.º, *Praça da Armada.*

DR. AUGUSTO CUNHA

É com mágoa e saudade fundamente sentidas que todos os que trabalham no PANORAMA se vêem para sempre privados da encantadora presença do Dr. Augusto Cunha, que foi, desde o primeiro número desta Revista, o seu Director Administrativo.

A sua intensa actividade de homem de letras e de funcionário público — no Ministério das Colónias, onde, entre outros, desempenhou o cargo de Director-fundador da Revista «O Mundo Português» — ficou documentada em numerosos livros e numa vasta folha de serviços que patenteiam um talento literário e aptidões invulgares.

Mas Augusto Cunha era, antes de mais nada, um valor humano e, consequentemente, um valor social inestimável. Quem, de perto e dia a dia, pôde, como nós, apreciar a têmpera do seu carácter, o brilho e a graça do seu espírito e a operosidade das suas faculdades de trabalho — virtudes que superavam todas as contingências e resistiam, inalteráveis, ao próprio sofrimento físico — sabe que perdeu, com a sua morte, o mais eficiente dos colaboradores, o mais compreensivo e leal dos camaradas, e o mais amável e generoso dos amigos.

Jornalistas e Escritores Estrangeiros em Portugal

O Secretário Nacional da Informação, sr. António Ferro, acompanhou numa digressão pelo norte do País — nos primeiros dias de Agosto — um grupo de jornalistas e homens de letras estrangeiros de alto valor, que vieram a Portugal para assistir às Festas Centenárias de Lisboa, a convite da Comissão Executiva.

Na sua viagem até ao Porto visitaram Alcobaça, Batalha, Coimbra e Buçaco, onde admiraram a parte monumental, apreciando também todo o novo quadro do nosso turismo, onde as Pousadás são exemplo vivo de uma obra de conforto e de sensato regionalismo.

Do Porto, seguiram em visita à região minhota da beira-mar, poisando na praia de Ofir, onde almoçaram. O grupo conheceu depois Viana do Castelo e toda a fresca região da Ribeira Lima, admirando a variedade magnífica da nossa paisagem e a alegria sã da nossa gente.

Regressando à capital do Norte, visitaram as instalações do Vinho do Porto e as caves da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, percorrendo, no dia seguinte, a região do Marão.

Os nossos ilustres visitantes estiveram também em Guimarães, onde assistiram, encantados, ao começo das típicas Festas Gualterianas.

«Panorama» regista

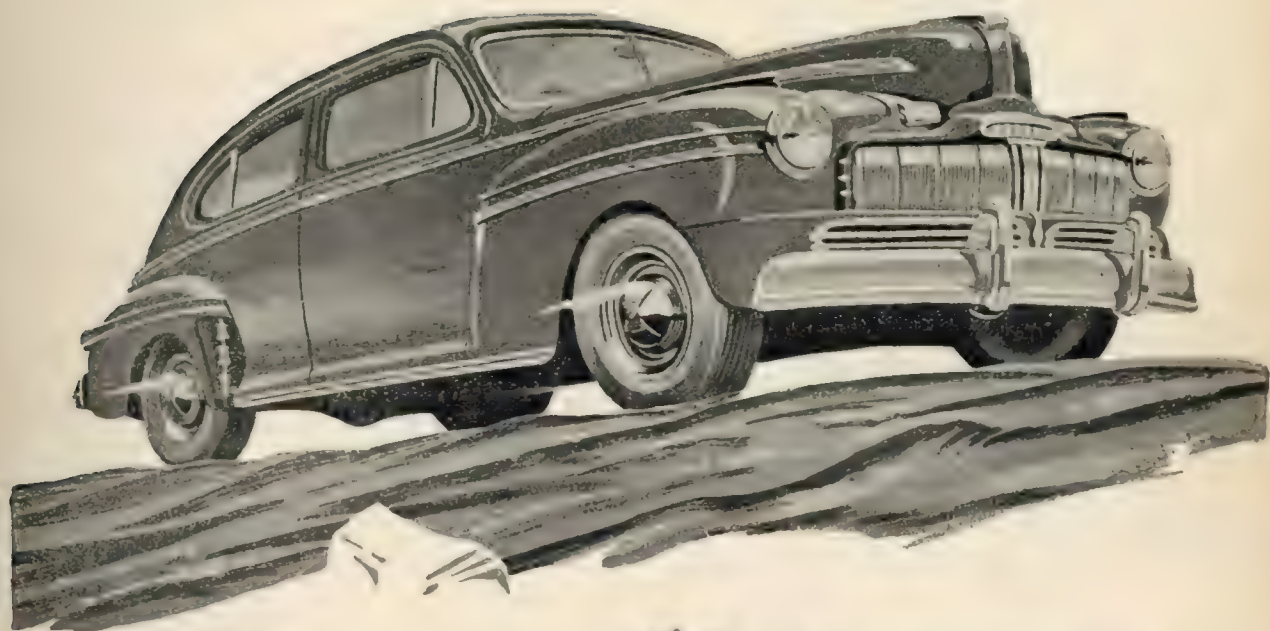
★ O espírito de decisão e o bom-senso com que têm sido executadas as oportunas medidas de regulamentação do trânsito em Lisboa — e bem assim o espírito de compreensão e o civismo com que vão sendo acatadas pelo público.

★ O interesse verdadeiramente excepcional da Exposição permanente da Pintura Flamenga, nas salas remodeladas do Museu Nacional de Arte Antiga.

★ O aparecimento do belo livro editado pela Fundação da Casa de Bragança «Museu-Biblioteca de Vila Viçosa», da autoria de Sant'Anna Dionísio, com excelentes ilustrações de António Lino.

★ A notícia de que vai ser em breve restaurada, em S. Miguel de Seide, a Casa de Camilo — por iniciativa do S. N. I.

★ O prosseguimento das obras de restauro da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, que recentemente reintegrou na sua fisionomia primitiva o castelo medievo de Belver.

Mais DO QUE O DESEJADO

DESDE A MACIÇA GRELHA DO RADIADOR ATÉ AO PARA-CHOQUES TRAZEIRO, HÁ MAIS DO QUE O DESEJADO NESTE NOVO «MERCURY». NOVO CONFORTO NA CONDUÇÃO TRAVÕES HIDRAULICOS AUTO-CENTRADOS COM GRANDE AREA DE TRAVAGEM E MOTOR APERFEIÇOADO DE 8 CILINDROS EM V A 90 GRAUS, SÃO CARACTERISTICAS DESTE ATRAENTE CARRO, MAIS ECONÓMICO DO QUE NUNCA. ALIADO AO SEU CONFORTO HÁ IGUALMENTE NOVA BELEZA, COM AMPLOS ASSENTOS, ACOMODANDO À VONTADE SEIS PESSOAS. NA VERDADE ESTE NOVO «MERCURY» OFERECE AINDA

MAIS DO QUE O DESEJADO

MAIS ECONOMIA - ACHARÁ INACREDITÁVEL QUE UM CARRO TÃO GRANDE CONSUMA TÃO POUCO NOVA CARBURAÇÃO EQUILIBRADA E PISTONS EM ALUMINIO COM 4 SEGMENTOS TORNAM O MERCURY MAIS ECONÓMICO EM LUBRIFICANTE.

MAIS CONFORTO - A SUA CADEIRA FAVORITA SOBRE RODAS — EIS O CONFORTO DO MERCURY! ESPAÇO INVULGAR PARA AS PERNAS PROPORCIONA MAIOR COMODIDADE.

MAIS FORÇA - RÁPIDO ARRANQUE E GRANDE RESERVA DE FORÇA, SÃO CARACTERISTICAS DO MERCURY PARA ELE NÃO HÁ SUBIDAS, E CONDUZI-LO TORNA-SE VERDADEIRO PRAZER

Ford Lusitana - RUA CASTILHO, 149 - LISBOA

E SEUS CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

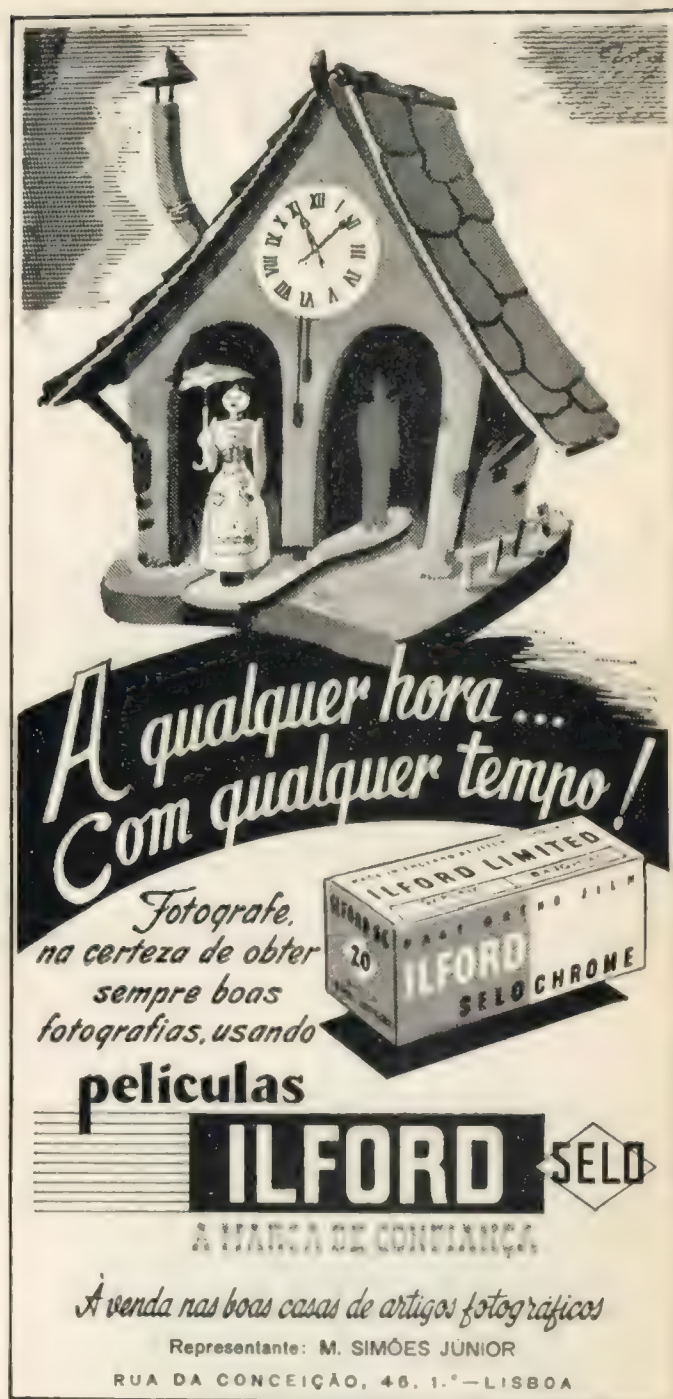
UM NOVO TEMPLO EM LISBOA

(Continuação)

Do lado nascente ficam: a Anunciação, a Natividade, a Apresentação no Templo, a Fugida para o Egipto, o Menino entre os Doutores, a Santa Família, o Baptismo de Cristo, as Bodas de Caná, o Bom Pastor, a Samaritana, o Cego de Jericó e a Ressurreição de Lázaro; e do lado poente: a Ceia, Cristo no Horto, a Prisão de Jesus, Cristo a caminho do Calvário, o Calvário, Cristo em Emaús, a Chave de S. Pedro, a Ascensão, a Descida do Espírito Santo e a Coroação da Virgem.

Estes vitrais são de uma intensa espiritualidade e rara beleza, pela composição, pela estilização do desenho e pelo colorido. Lino António, com a sua fina sensibilidade, procurou e conseguiu realizar este seu trabalho magnífico, não só de acordo com o espírito, mas com a técnica primitiva. (Deve notar-se que foi a primeira vez, nos tempos modernos, que se fabricou entre nós o vidro dos vitrais pelo antigo processo do disco. As diferenças de espessura dão-lhe, assim, maior irradiação, o que se não consegue com a monotonia do vidro de fabrico industrial).

Nas mísulas e nos capitéis da nave, repletos de simbólicos motivos de anjos e de peixes, pombas, palmas e folhagens, em conchas e cabeças de querubins, que encobrem ventiladores, Jorge Barradas revelou o saber e os encantos de um grande artista decorador, que dá um nobre exemplo com a sua infatigável actividade, sua incessante busca de novos processos e de motivos de beleza.

Ladeando o arco triunfal da capela-mor, sobre duas mísulas de escultura policroma, e à frente de arcos cegos, exibem-se as imagens da Virgem Maria, do lado do Evangelho, e de S. José, do lado da Epístola — ambas coloridas, também, por Barradas.

São duas belas terracotas de Mestre Leopoldo de Almeida, de túnicas brancas, mantos e nimbos doirados, a que este escultor deu a sobriedade, o enlevo, a nobreza e o equilíbrio dos movimentos e das masas que são a característica dominante das suas obras. Há uma finura nos perfis, uma delicadeza e uma correcção na leve ondulação dos panejamentos, mas, principalmente, uma perfumada espiritualidade nestas suas esculturas que se integram, em harmonia, como suaves aparições, no ambiente que as envolve.

Do lado do Evangelho fica, em pleno baixo, o púlpito circular, de pedra e de ferro forjado.

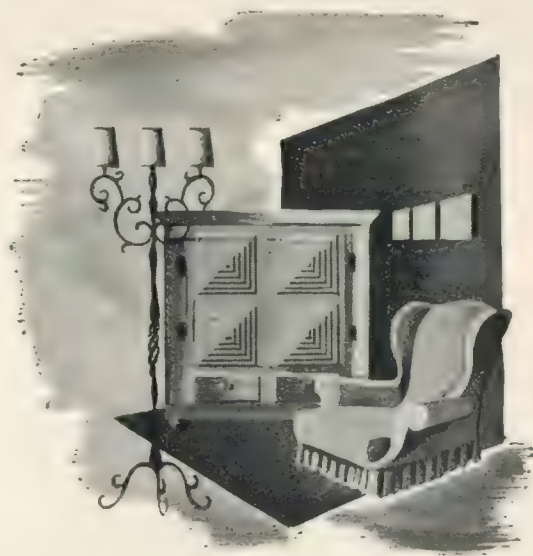
A capela-mor tem, de cada lado, três arcos cegos, junto do arco triunfal, e um ao fundo, todos emoldurados por altos e finos colunelos, que sugerem encantadoras cenas de Fra Angélico, com pequenos capitéis de folhagens suportando os arranques da abóboda. As portas laterais que ligam a abside às sacristias são encimadas por dois janelões.

Ao meio do presbitério, imponente, sóbrio e rico, levanta-se o altar-mor, com banqueta e baixas colunas de calcário vermelho da região de Montelavar, e o baldaquino refulgente de oiro.

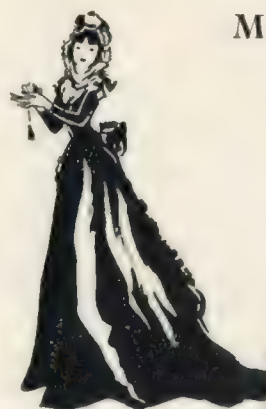
Em todo o templo se respira uma atmosfera de austera beleza e, ao mesmo tempo, de profunda e suave alegria. De manhã, a luz inunda a nave através das festivas cores dos vitrais com os quadros evocativos da Infância, da Vida pública e do Ministério de Jesus. Na penumbra da abside cintilam, então, os relevos doirados e as jóias do Sacrário.

À tardinha, uma luz pálida infiltra-se discretamente pelos azuis, verdes e lilazes que dominam nos painéis de vidro da Paixão, da Morte e da Vida gloriosa de Jesus. E à noite, o templo refulge na luz dos candelabros e dos castiçais da banqueta, que o fundo azul das arcadas, de estranho colorido transparente, envolve, como se fosse a abóbada imensa da Natureza.

LUÍS REIS SANTOS

MÓVEIS · ESTOFOS · DECORAÇÕES

COMPANHIA
ALCOBIA

LISBOA | RUA IVENS, 14 | TEL. 25441

ESQUINA DA RUA CAPELO

RUA GARRETT / 20-24 / LISBOA

A MEDALHA COMEMORATIVA DA CONQUISTA DE LISBOA

(Continuação)

A completar o expressivo simbolismo do significado dessa medalha, temos na torre da esquerda a Cruz, ali colocada pelo guerreiro que acaba de derrubar o crescente muçulmano do seu último reduto.

A riqueza dos elementos simbólicos do reverso dessa bela medalha, acompanham perfeitamente a síntese admirável do anverso, representando uma grande caravela sobre as ondas, que ocupa todo o campo, e que simboliza a grandeza de *LISBOA,* porto marítimo, — e como diz a legenda — *CAPITAL DO IMPÉRIO PORTUGUÊS.*

Coroada de torres, vê-se a meio a figura de «Lisboa», representada por uma juvenil mulher — como se se dissesse que Lisboa é sempre nova através dos longos séculos que ela já conta — que ostenta o grande escudo das Quinas de Portugal, assente na caravela, evocativa da nossa epopeia marítima, e na qual se vêem os lendários corvos. Hàbilmente a cruz, de feição medieval, que centra a medalha superiormente, no seu eixo vertical, e que se encontra entre as datas 1147 ✠ 1947, indicativas do centenário a celebrar, é a própria cruz da torre de gávea da caravela.

Como complemento gráfico e animador do que a medalha representa, constitui um importante elemento ornamental — por isso que é igualmente de louvar, não só a concepção, que directamente se inspira nas legendas monetárias da época, apenas lhe dando um ligeiro aperfeiçoamento, como convinha a uma medalha do século XX, e aliás como ela própria adquiriu um século depois por evolução natural, mas também o seu delineamento que é essencialmente artístico, por manual, e portanto sem a frieza da regularidade mecânica, onde a poesia não existe, quando aliás ela é indispensável nas Obras de Arte, qualquer que seja a sua expressão.

Descrita a largos traços a medalha cujo sentido melhor se apreenderá ao fitar a reprodução que dela damos neste artigo, examinemo-la agora na sua expressão e na sua factura.

Como simbolismo, é realmente admirável a síntese aí apresentada: o guerreiro em acção de batalhar, traduz a conquista; o castelo, cidade-fortaleza conquistada; a Cruz erguida no alto da torre e o crescente quebrado, a vitória do Cristianismo sobre o islamismo; as muralhas banhadas por ondas, a cidade fluvial; a caravela, evocando o auxílio dos Cruzados constitui também, pelos seus atributos, o brasão de Lisboa.

Ao apreciar esta admirável medalha, dum equilíbrio perfeito, duma sobriedade austera, onde nada falta, e nada é demais, uma impressão se impõe no que toca à sua técnica: sente-se que é obra modelada com a lar-

A MEDALHA COMEMORATIVA DA CONQUISTA DE LISBOA

(Conclusão)

gueza e grandiosidade dum *escultor* de garra, que desconhece a mesquinhez, e não estrictamente dum medalhista que, por desventura, geralmente não têm tão arrojadas concepções, quando não seja também um escultor.

A medalha adquire assim, quando tratada com esta imponência e firmeza de construção escultórica, um lugar proeminente nas Artes Plásticas que as produções medalhistas por via de regra não têm. E pena é que o avultado número de exemplares da presente medalha que se torna necessário fabricar, force a ter de se empregar os cunhos em vez dos moldes, como se procedia nos primitivos tempos da criação da medalha, e como o Artista de que falamos executou saborosamente as suas outras produções, a que acima fizemos referência, donde resultariam obras menos mecânicas, e ainda mais belas. No entanto, e certamente para satisfazer essa exigência de concurso, ó Escultor Álvaro de Brée regularizou sensivelmente a letra em relação à que empregara naquelas outras medalhas a que aludimos, mas tão hàbilmente o fez, que lhe conservou um certo sabor de arcaísmo que à maravilha se coaduna com a evocação nela registada.

PEDRO BATALHA REIS

O QUE É «A COLMEIA»

(Continuação)

— ...e os rapazes formaram um «team» de «football», — o «Colmeia Sporting Clube» — que já conta no seu activo algumas vitórias sensacionais!... Ainda no outro dia bateram um grupo de Carnide no seu próprio campo, e agora andam atrapalhados por não terem campo para os receber... e repetir a proeza.

As nossas últimas perguntas são dirigidas a Fernanda de Castro:

— Projectos futuros?

— Por ora, queremos construir um 2.º andar da «Colmeia», que a amplie e possa alargar o âmbito da nossa acção. Depois...

— Mais realizações?

— Sim. Mais «Parques», mais «Colmeias», que resolvam o problema social dos rapazes e das raparigas dos 4 aos 15 anos, resolvendo ao mesmo tempo, implìcitamente, grande parte do problema dos pais e das mães que não dispõem de suficientes recursos.

— E depois?

— No momento em que esse «depois» chegar, respondo-lhe. Mas, para ele chegar, será preciso muitos anos, muito trabalho, muito sacrifício...

O QUE É «A COLMEIA»

(Conclusão)

Com estas significativas e optimistas reticências deixámos a poetisa de «Daquém e Dalém Alma», a dramaturga de «A Pedra no Lago», a romancista de «Maria da Lua», a Sr.ª D. Fernanda de Castro Ferro, enfim, que podia estar naquele momento a tomar chá ou a jogar «bridge» numa sala, mas que infatigàvelmente continuava a fazer contas, a somar cifras, a quebrar a cabeça com os recibos, a discutir problemas de alimentação, sem se lembrar de que tudo aquilo que a rodeava — as crianças a aprender ofícios, a alegria, o sol a entrar pelas grandes janelas abertas, e a fé que alimenta a sua tão árdua e nobre missão — é, talvez, o melhor dos seus romances, o melhor dos seus dramas, o melhor dos seus poemas.

PAULO ROQUETTE

AS QUINTAS DOS ARREDORES

(Continuação)

No fundo, a elegante *Galeria dos Reis,* servida por dois lances de escadaria, serve de limite a uma das faces dum tanque guarnecido de admiráveis painéis de azulejos com figuras em tamanho natural, pintadas ao gosto do século XVIII, e parece representarem os *doze de Inglaterra.* Acompanhando o muro da galeria, espalham-se bustos de alguns reis de Portugal até D. João VI, o que constitui, além do valor decorativo representado por esses exemplares, um comentário de bastante merecimento. Olhado dali, o vasto recinto ajardinado prende-nos a atenção e leva-nos para longe, a meditar na vida olímpica daqueles faunos, ninfas e deuses que povoam o parque talhado, a nossos pés...

Para as bandas do Lumiar, e deixando o antigo *Campo Grande,* já da área da cidade, outra série de quintas esmaltam, com a sua exuberância vegetal, uma grande faixa de terrenos onde se acham a quinta das *Conchas,* das *Flores* e dos *Lilazes.* Mas a mais importante de todas é, certamente, a quinta *Palmela,* que em tempos foi pertença dos marqueses de Angeja, e hoje é propriedade da marquesa de Tancos.

Tudo é pitoresco, romànticamente pitoresco naquele recanto do Paraízo onde a relva esconde o chão, e cascatas de hera, de madresilva e de vinha-virgem escorrem pelas paredes. Entre os mais belos exemplares de árvores frondosas alinham-se ulmeiros, freixos, palmeiras, aurocárias. Noutro lado, estufas com avencas, begónias e sensitivas; à volta dos lagos, bambus e chorões, formando tudo um excepcional conjunto de belezas que só uma poderosa imaginação pode concentrar num ponto.

ARMANDO DE LUCENA